

Trabalho de Conclusão de Curso
Design - FAUeD | UFU

O design editorial como ferramenta para a popularização do pensamento crítico

Juliana Gomes Faria



Universidade Federal de Uberlândia - UFU
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - FAUeD

O design editorial como ferramenta para a popularização do pensamento crítico

Juliana Gomes Faria

Trabalho de Conclusão de Curso
referente ao curso de Design da
FAUeD para obtenção do título
de Bacharel em Design.

Orientação: Prof.(a) Dr.(a)
Cristiane Alcântara.

Uberlândia
2023

agradecimentos

Este trabalho representa a concretização de um sonho, e não teria sido possível sem a contribuição de pessoas verdadeiramente especiais:

Agradeço à Deus, que abriu meus olhos para a compaixão, para o amor e para a esperança de um mundo mais justo.

Aos meus pais, cujo apoio à leitura, dedicação aos meus estudos e estímulo para buscar oportunidades únicas de aprendizado e crescimento moldaram a base deste percurso.

Por último, expresso minha profunda gratidão à Cristiane Alcântara, minha orientadora, cuja orientação iluminou os caminhos para a realização deste projeto.



nota de esclarecimento

A realização deste trabalho é exclusivamente de cunho acadêmico, apenas com o objetivo de ser um exercício didático. Ressaltamos que o intuito primordial deste projeto não é sua comercialização. Nem tampouco reivindicamos quaisquer obras utilizadas como de autoria própria, os devidos créditos se encontram ao final deste caderno de pesquisa.

"o poder transformador
do amor é o fundamento
de toda mudança social
significativa"

bell hooks

Caro(a) leitor(a),

Antes de dar início à leitura deste trabalho, lhe convidamos a conhecer este projeto de maneira mais imersiva, fique à vontade para visitar a apresentação audiovisual sobre o livro que preparamos e para acessá-lo na íntegra aqui:



Sumário

Pesquisa

1. PROBLEMA PROJETUAL _____ 11

1.1 Design gráfico social _____ 12

1.2 Design editorial: livro _____ 14

1.2.1 Elementos do design editorial _____ 15

1.2.1.1 Formato _____ 15

1.2.1.2 Grid _____ 17

1.2.1.3 Tipografia e texto _____ 18

1.2.1.4 Imagem _____ 19

2. TEMA _____ 21

2.1 Conteúdo: bell hooks e a teoria do amor _____ 21

2.1.1 Biografia _____ 21

2.1.2 Teoria do amor _____ 23

2.1.1.1 Tudo sobre o amor: novas perspectivas _____ 23

2.1.1.2 Salvation: Black people and love _____ 27

2.1.1.3 Communion: The female search for love _____ 28

2.1.1.4 The will to change: Men, masculinity and love _____ 29

2.2 Storytelling: contar histórias e conectar pessoas _____ 31

3. ANÁLISE DE SIMILARES _____ 33

3.1 O pessoal é político _____ 33

3.2 Extra Bold _____ 35

3.3 Até quando? _____ 37

4. PÚBLICO-ALVO _____ 39

4.1 ONG hipotética _____ 39

4.1.1 O projeto _____ 40

4.2 Personas _____ 41

Criatividade

5. BRIEFING _____ 51

6. CONTEÚDO E MENSAGEM _____ 54

6.1 Curadoria e organização do conteúdo _____ 54

6.2 Arco narrativo _____ 56

7. CONCEITO _____ 60

8. BRAINSTORMING _____ 62

8.1 Formato e estrutura _____ 62

8.2 Grid e leiaute _____ 63

8.3 Tipografia _____ 64

8.4 Sequência e cadência _____ 64

Experimentação

9. ESTUDOS DE COMPOSIÇÃO E LINGUAGEM VISUAL	69
--	----

10. REFINAMENTO	72
------------------------	----

10.1 Cores	72
------------	----

10.2 Grafismos	73
----------------	----

10.3 Tipografia	73
-----------------	----

10.4 Composição	75
-----------------	----

10.4.1 Abertura de capítulos	75
------------------------------	----

10.4.2 Páginas de esperança	76
-----------------------------	----

10.4.3 Páginas de dominação	77
-----------------------------	----

10.4.4 Capítulo final	78
-----------------------	----

10.5 Imagens	78
--------------	----

10.6 Título	81
-------------	----

10.7 Capa	81
-----------	----

11. LIVRO IMPRESSO	83
---------------------------	----

CONCLUSÃO	88
------------------	----

BIBLIOGRAFIA	89
---------------------	----

quisa

pesquisa

squisa

pesquis

esquisa

pesquis

1.

problema projetal

O objetivo deste trabalho é realizar um projeto de design editorial que apresente de modo objetivo e envolvente as análises sobre amor sob a perspectiva das dinâmicas de raça, classe e gênero discutidas pela escritora bell hooks em suas quatro obras: Tudo sobre o amor: Novas perspectivas, *Salvation: Black people and love*, *Communion: The female search for love* e *The will to change: Men, masculinity and love*.

O trabalho se propõe a representar visualmente as principais discussões e análises elencadas por hooks, bem como oferecer uma explanação sobre os termos e conceitos abordados nas obras (como sexismo, racismo e feminismo) por meio de um projeto editorial, visando popularizar as análises da escritora, facilitar a compreensão a respeito de assuntos sociais e instigar o pensamento crítico. Dessa forma, ao propor um projeto editorial como meio para facilitar a compreensão de temáticas sociais complexas — por vezes restritas ao âmbito acadêmico —, este trabalho também pretende colaborar para a afirmação do papel social do design gráfico ao contribuir com ações de caráter social, cultural e político.

As motivações pessoais que levaram à escolha deste tema foram o meu interesse por temas sociais, pela identificação pessoal com os pontos de vista da escritora, abordados nesta coleção de livros; bem como pelo reconhecimento da importância de seus trabalhos. Bell hooks, enquanto ativista, teórica feminista e educadora, realizou importantes contribuições para a educação e para o pensamento feminista negro contemporâneo. A escritora se tornou conhecida por discutir temas culturais e políticos sob uma perspectiva antirracista, antipatriarcal e anti-imperialista; visando construir uma sociedade verdadeiramente igualitária e justa para todos.

Portanto, a fim de alcançar o objetivo proposto, foi empregada uma abordagem metodológica fundamentada no design editorial. Ao mesmo tempo, integramos técnicas de *storytelling* para a construção de narrativas envolventes a fim de criar uma experiência cativante e capaz de mergulhar os leitores nos conteúdos e análises apresentados, conferindo uma dimensão mais profunda e significativa a este projeto.

1.1 design gráfico social

“Bom design é bom negócio”¹.

Essa frase dita por Thomas J. Watson Jr. é repetida diversas vezes por aqueles que desejam explicar sobre a relevância e o potencial do design em enriquecer empresas, fazer marcas ganharem alma e alcancarem o coração do público e instigar consumidores a optarem por este ou aquele produto nas gôndolas. De fato, o design tem se mostrado capaz de atender a esses interesses comerciais de modo surpreendente. Entretanto, seria somente essa sua contribuição à sociedade? Estaria, pois, o design fadado a apenas responder a demandas comerciais e reproduzir o *status quo*?

1. Tradução de “Good design is good business”, frase dita por Thomas J. Watson Jr, presidente e diretor executivo da IBM, durante uma palestra em 1973 na Universidade da Pensilvânia. Disponível em: <https://www.ibm.com/ibm/history/ibm100/us/en/icons/gooddesign/>. Acesso em agosto de 2023.

Inicialmente, o design estava intrinsecamente atrelado à indústria e consumo, posicionando-se como um ofício voltado para as demandas do mercado. Contudo, o século 20 testemunhou debates cruciais que expandiram o papel do design e, especialmente, do design gráfico, para além de seu papel comercial, direcionando-o também para um engajamento social significativo. Manifestos como o “*First Things First*” e o ensaio “*Design and Democracy*” expressaram perspectivas sobre uma atuação mais ampla dos designers, menos centrada na técnica e mais comprometida com as reais necessidades da sociedade. Essas manifestações surgiram da inquietação de que o design gráfico, na maioria dos alguns casos, havia se tornado uma ferramenta que alimentava o consumo desenfreado. Assim, sublinham a urgência de estimular o pensamento crítico por parte dos profissionais (Braga, 2011).

Marcos da Costa Braga (2011) aponta a atuação socialmente engajada do design gráfico ao reconhecer sua capacidade de despertar questionamentos, fomentar a mobilização social e disseminar ideologias. Esse reconhecimento do papel social abraça a essência fundamental do design gráfico, que reside em traduzir visualmente ideias e conceitos, concretizando mensagens com o intuito de transmiti-las de maneira clara e assertiva ao público. Essa função se revela de extrema importância, especialmente quando o objetivo não é apenas comunicar por comunicar, mas sim quando a comunicação é dotada de um propósito que influencia comportamentos, atitudes e o conhecimento das pessoas (Frascara, 2000).

A exemplo disso, durante a pandemia de Covid-19, anúncios, campanhas e materiais gráficos utilizados por órgãos governamentais e instituições sanitárias, que através do design da informação e design gráfico, assumiram um importante papel de educar e orientar a população facilitando a compreensão de informações técnicas sobre o vírus e maneiras de se proteger (Figura 1).

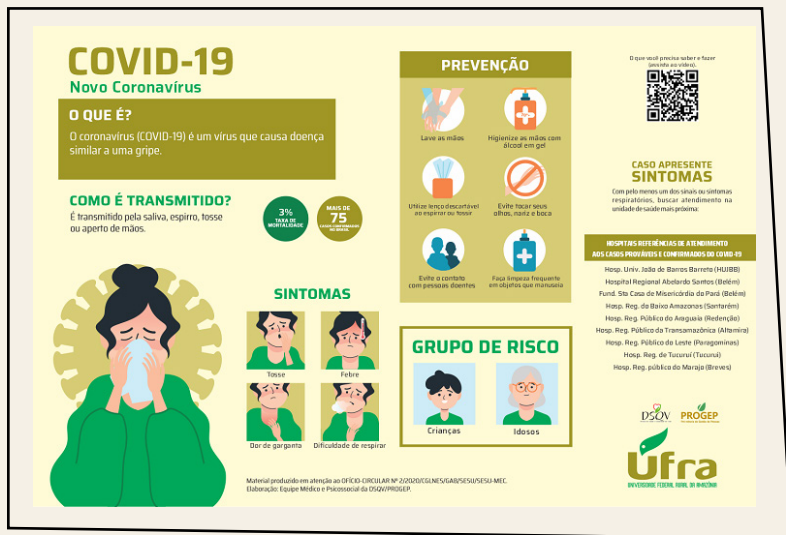


Figura 1: Material didático produzido pela UFRA. Disponível em: https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2515&catid=17&Itemid=1210 Acesso em outubro de 2023.

1.2 design editorial: livro

O livro representa uma das mais antigas formas de registro e documentação, com suas origens estimadas há cerca de quatro mil anos, utilizado pelas civilizações egípcias e chinesas. Ao longo da história, a escrita foi marcada por uma variedade de materiais, incluindo metal, madeira e peles de animais (Haslam, 2007). Além disso, os formatos evoluíram em resposta às mais variadas necessidades de utilizar o livro, dando origem a suportes como pergaminhos e códices, este último sendo o precursor do formato tradicional de publicações que conhecemos hoje, cujos componentes tradicionais são observados na figura 2. Mais recentemente, surgiram os formatos digitais, representando a mais atual revolução na maneira como interagimos com o conhecimento escrito.

O design editorial emerge da necessidade de projetar a dimensão física e visual de livros e demais publicações. Seu processo inicial era manual e artesanal, envolvendo esculpir ou escrever à mão. No entanto, com a chegada da revolução industrial e o advento de maquinários, o cenário se transformou. Atualmente, com o maquinário industrial para

impressão e acabamento, a produção em larga escala de milhares de exemplares em questão de minutos se tornou viável, com um custo relativamente mais acessível.

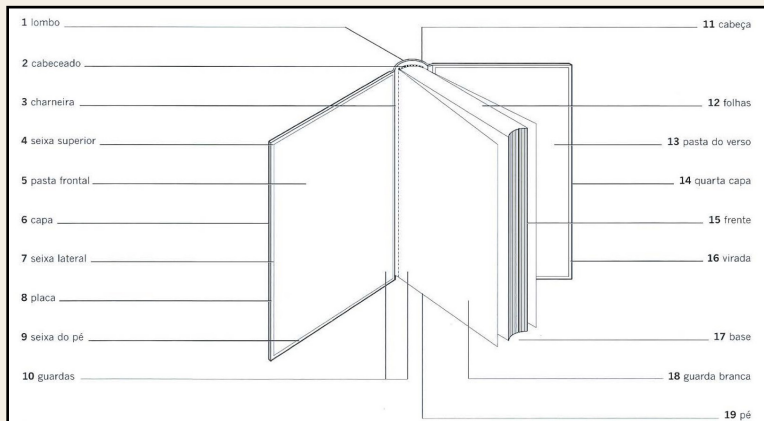


Figura 2: Componentes do livro. Fonte: Haslam, 2007, p.20.

Entretanto, o papel do design editorial está para além de projetar somente o objeto livro, considera também a experiência do usuário, abrangendo demais questões de usabilidade e design emocional, como explica Aline Haluch (2013, p.9, grifo próprio): **“O design editorial não é apenas o projeto do livro, mas a expectativa de torná-lo lido, útil, consumido e, mais, lido com conforto”**.

1.2.1 ELEMENTOS DO DESIGN EDITORIAL

1.2.1.1 FORMATO

O formato se refere à proporção externa das páginas, considerando altura e largura. Os livros e publicações são normalmente projetados em três formatos: retrato, formato cuja altura da página é maior que a largura; paisagem, formato cuja altura da página é menor que a largura; e quadrado, em que a altura e largura da página possuem dimensões iguais (Figura 3).

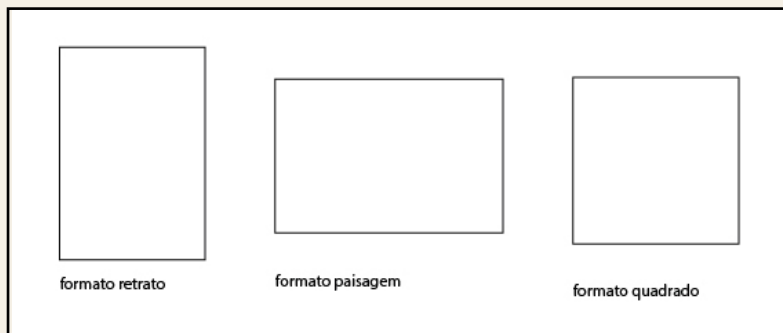


Figura 3: Formatos.
Fonte: Haslam, 2007,
p. 30.

Também existe a possibilidade de se trabalhar com formatos definidos por Haslam (2007) como ‘derivativos’ ou ‘não retangulares’. Estes formatos exploram formas diversas que conferem ao projeto um caráter singular e até mesmo lúdico (Figura 4). Além disso, é possível empregar dimensões e formatos distintos dentro de um mesmo projeto editorial.



Figura 4: Livro “Witch Zeda’s Birthday Cake” de Eva Tatcheva, que tem o formato de uma abóbora, o principal ingrediente do bolo de aniversário. Disponível em: <https://www.littletravellerbooks.com/products/witch-zeda-s-birthday-cake>. Acesso em setembro de 2023.

A seleção do formato e das dimensões de um projeto deve levar em conta fatores que abrangem desde questões de produção e minimização de resíduos até aspectos conceituais e estéticos. Além disso, é importante assegurar a praticidade e o conforto da leitura e do manuseio, respeitando o propósito da obra e o contexto no qual os leitores a utilizarão (Haslam, 2007). Por exemplo, um livro de bolso deve garantir

facilidade de transporte em bolsas e bolsos, enquanto uma enciclopédia, devido à sua riqueza de detalhes, demanda páginas amplas para uma consulta confortável em superfícies amplas. Em resumo, o formato e as dimensões representam um componente crucial na configuração da experiência do usuário, moldando a interação com a obra de maneira significativa.

1.2.1.2 GRID

Os sistemas de grade determinam as proporções internas da publicação, como as larguras das margens, as proporções da mancha e de colunas, além da largura dos intervalos entre elas, assim é considerado uma ferramenta que facilita diversas possibilidades de organização em uma peça gráfica (Haslam, 2007).

O grid é abraçado por profissionais que o enxergam como um auxílio na estruturação do projeto, estabelecendo ordem e clareza no processo projetual. Esse sistema se comporta como uma base invisível a partir da qual se orientam as relações entre texto e imagem, hierarquia visual e cadência das páginas do projeto gráfico. Os modelos básicos de grid definidos por Samara (2011) são: Grid retangular, Grid de colunas, Grid modular e o Grid hierárquico (Figura 5).

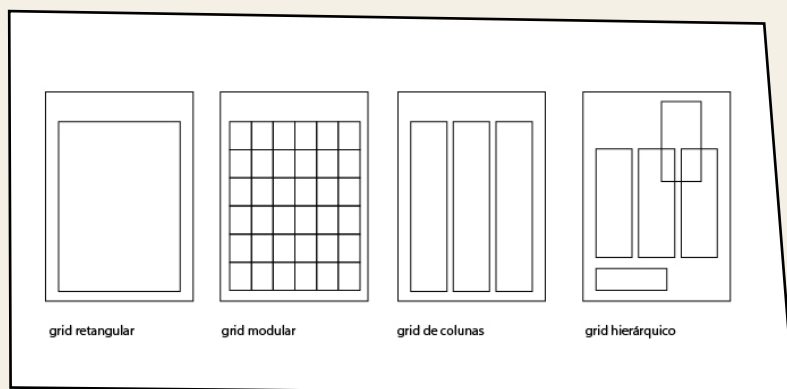


Figura 5: Classificações de grids. Fonte: Samara, 2011.

Entretanto, existem aqueles que consideram o grid uma limitação e opressão à expressão artística do profissional e seus processos criativos. Assim, surgem projetos que renunciam ao grid engessado e adotam uma organização mais expressiva e livre de formalidades, estando muito atrelada ao design gráfico pós-moderno, explorando novas configurações de estruturação e, assim, se concentrando mais no aspecto estético e conceitual do que aspectos legibilidade e conforto visual (Figura 6).



Figura 6: Revista Ray Gun, designer David Carson. Disponível em: <https://www.stackmagazines.com/art-design/magazines-were-magical-to-me/>. Acesso em setembro de 2023.

1.2.1.3 TIPOGRAFIA E TEXTO

Considerando que o texto constitui o principal elemento presente na maioria das publicações, a tipografia e o design editorial acompanham uma mesma linha evolutiva. Esse percurso teve início com métodos artesanais que incluíam o esculpir e a escrita manual com tinta, evoluindo para a introdução da prensa de tipos móveis de Gutenberg, que permitiu uma reprodução em larga escala do texto. Hoje, na era digital, o computador assume um papel central no processo de criação de famílias tipográficas, além de agilizar e aprimorar a produção editorial de forma significativa.

A escolha tipográfica envolve uma questão funcional, contemplando elementos como legibilidade, adequando comprimento das colunas de texto e uma hierarquia clara e alinhamento que facilite a compreensão da mensagem verbal. Além disso, a seleção da tipografia pode conside-

rar a classificação com base em suas características anatômicas (Figura 7), abrangendo categorias como sem serifa, com serifa, manuscrita, assim com outras particularidades do tipo como peso, espaçamento e proporção (Haslam, 2007).



Além disso, a tipografia estabelece ligações profundas com a psicologia das formas e o contexto histórico-cultural em que é utilizada. Ela não só é capaz de servir como um conceito visual por si só, sua classificação também exerce uma influência significativa na comunicação não verbal da publicação (Samara, 2011). Nesse sentido, é comum em projetos, estabelecer uma relação direta entre a escolha tipográfica, o tema do livro e o público-alvo, a fim de refletir o conteúdo da obra e as associações que a cercam.

Figura 7:
Classificação
tipográfica. Fonte:
AMBROSE, Gavin.
Tipografia.
Porto Alegre:
Bookman, 2011.

1.2.1.4 IMAGEM

A imagem é a forma mais primitiva de comunicação visual, possuindo um potencial de expressar uma mensagem até mais visceral, intensa e acessível que o texto. Imagens podem contar histórias, esclarecer argumentos complexos, evocar emoções e ações, informar, persuadir e estabelecer conexões sensoriais (Marshall e Meachem, 2010). A seleção e produção de imagens deve partir da intenção em transmitir significados, e a criação da linguagem da imagem deve considerar os

contextos nos quais ela será lida, já que a forma, cor e tratamento da imagem influenciam diretamente na percepção da mensagem; para isso, deve haver adequação ao público-alvo e as associações feitas a conceitos-chave.

No design editorial, as imagens desempenham um papel fundamental. Em uma página, o leiaute utiliza imagens como auxiliares e complementares das ideias expressas, principalmente pelo texto, isso permite a criação de variações e ritmo, incorporando dinamicidade à leitura (Haluch, 2013). Por esse motivo, o processo de design exige a complexidade de trabalhar a composição de texto e sua relação com a imagem.

Nesse sentido, algumas peças gráficas são feitas segundo o propósito de satisfazer necessidades informacionais do público, por meio da união de texto e elementos gráficos em um sistema chamado infografia. Assim, podem ser criados diagramas, gráficos, mapas e esquemas visando comunicar de modo organizado e consistente; podendo estar se utilizando de princípios de design gráfico, como hierarquia, contraste, alinhamento, proximidade e repetição.

Esse propósito vai de acordo com uma intenção maior em projetar a dimensão informacional do projeto, assim, segundo a Sociedade Brasileira de Design de Informação (SBDI) **design de informação** é uma vertente do Design cujo propósito está na:

“[...] definição, planejamento e configuração do conteúdo de uma mensagem e dos ambientes em que ela é apresentada, com a intenção de satisfazer as necessidades informacionais dos destinatários pretendidos e de promover eficiência comunicativa” (Fonte: SBDI. Disponível em <http://www.sbdi.org.br/definicoes>).

2.

tema

2.1 conteúdo: bell hooks e a teoria do amor

2.1.1 BIOGRAFIA

Gloria Jean Watkins, escritora, professora, ativista social e mulher afro-americana, nasceu em 1957 em Hopkinsville, no sul dos Estados Unidos. Filha de um zelador e de uma empregada doméstica, ela cresceu em uma família numerosa com cinco irmãs e um irmão mais velho; desde muito nova tinha interesse por livros e escrita, porém, ouvia que ser intelectual não era para meninas delicadas. Ainda criança experienciou de perto a segregação racial em seu país; formou-se em literatura na Universidade de Stanford e veio a falecer em 2021, aos 69 anos (Breda, 2019).

Gloria Watkins é mais conhecida pelo pseudônimo ‘bell hooks’ em homenagem à sua bisavó materna Bell Blair Hooks, “**uma mulher de fala afiada, que falava o que vinha à cabeça, que não tinha medo de erguer a voz**”, na qual se inspirou (hooks, 2021). Bell hooks é mais conhecida por seu trabalho sobre a interseccionalidade na compreensão de como as dinâmicas de raça, classe e gênero se exprimem nas práticas culturais, acadêmicas, subjetivas e cotidianas. A escritora deixou explícita sua intenção de tornar o seu trabalho acessível para todos, por isso, se distanciava da linguagem

academicista e compartilhava suas experiências pessoais para ilustrar as ideias e conceitos sobre os quais escreve, tornando seu trabalho mais relacionável e real (Breda, 2019).

Ao longo de 40 anos atuando como professora e escritora, publicou mais de 30 livros que abrangem gêneros como crítica cultural, teoria, literatura infantil e poesia; além de artigos acadêmicos, participações em documentários e em palestras públicas (Breda, 2019). Dentre seus principais livros, estão: *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras* (Rosa dos Tempos, 2018), *E não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo* (Rosa dos Tempos, 2019) e *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* (WMF Martins Fontes, 2017).

Os principais eixos temáticos abordados em suas obras são: crítica à práxis pedagógica, crítica à produção cultural, análises sobre espiritualidade, amor e autoestima e análises sobre dinâmicas de raça, gênero e classe. Nesse sentido, hooks não esconde quem foram suas maiores referências intelectuais, como a abolicionista, pregadora e ativista dos direitos das mulheres afro-americana Sojourner Truth, o pastor e ativista Martin Luther King e o educador e filósofo Paulo Freire².

2. Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro, considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica.

Fonte: Giovanaz, Daniel. Há cem anos, nascia Paulo Freire. **Brasil de Fato**. São Paulo. 19 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildedefato.com.br/2021/09/19/>. Acesso em: 2 ago. de 2023.



Figura 8: bell hooks. escritora e intelectual. Fonte: Holler Home/The Orchard/Kobal.

2.1.2 TEORIA DO AMOR

O tópico sobre amor e afetividades permeia grande parte das obras e críticas de hooks. Segundo ela, esse assunto possui uma grande importância na política, vida pessoal, cultura e espiritualidade. Assim, é em sua coleção de livros conhecida como Trilogia do Amor, publicada entre os anos 2000 e 2002, que bell hooks se dedicou a elaborar sua teoria do amor e a relaciona aos problemas sociais a partir de uma perspectiva anti-patriarcal, antirracista e anti-imperialista, o que torna essa obra bastante distinta das demais publicações que abordam a temática do amor (hooks, 2021).

A trilogia é composta pelo conjunto de livros: Tudo sobre o amor: Novas perspectivas, uma introdução à teoria do amor; *Salvation: Black people and love*, com foco na vivência de pessoas negras; e *Communion: The female search for love*, com enfoque em relações femininas. Já *The will to change: Men, masculinity and love*, publicado em 2004, não faz parte da Trilogia do Amor, porém será considerado e utilizado como base para o desenvolvimento desse projeto por dar continuidade às discussões sobre amor, abordando homens, masculinidade e patriarcado.

Cada livro apresenta um recorte social e o relaciona a mensagem principal que une todas as quatro obras: **de que a prática do amor se torna potência para a construção de uma nova sociedade, transformando todas as esferas da vida: a política, a religião, o local de trabalho, o ambiente doméstico e as relações íntimas.** Assim, bell hooks analisa o papel significativo do amor em qualquer movimento por justiça social e defende seu ponto de vista visionário e sensível que propõe uma transformação ética radical e coletivista.

2.1.1.1 TUDO SOBRE O AMOR: NOVAS PERSPECTIVAS

No primeiro livro, a autora introduz aos leitores seu pensamento de que a prática do amor seja uma ferramenta de luta pela transforma-

ção social; contrapondo ao senso comum de que o amor seja apenas um sentimento bom, uma afeição terna e apaixonada que sentimos pelos outros, sendo algo trivial e irracional; ou a ideia do amor como sempre relacionado ao amor romântico. Pelo contrário, ela apresenta uma visão provocadora e diferente dos demais livros de autoajuda e relacionamentos ao enfatizar que uma ‘ética amorosa’ deveria se opor à cultura de dominação, sendo essa de natureza patriarcal, imperialista e supremacista branco⁵.

Assim, considerando que o primeiro passo está em compreender o significado da palavra “amor” e a falta de definições claras a seu respeito, bell hooks adota a definição de amor como prática e ação, elaborada por M. Scott Peck :

“Amor é a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual de outra pessoa. [...] O amor é o que o amor faz. Amar é um ato de vontade — isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar” (hooks, 2021, p.39).

Ao longo deste livro, hooks discorre sobre assuntos que atravessam a temática central do amor, como amor-próprio, honestidade e justiça em que ela escreve sua famosa frase “**não há amor sem justiça**”. Ademais, a autora reflete sobre o comportamento ganancioso e consumista que alimenta o narcisismo e deixa um vazio emocional e espiritual, além de desumanizar e mercantilizar pessoas e sentimentos. Além disso, ela dedica um capítulo a dizer sobre amor e espiritualidade e como o pensamento fundamentalista usa a religião para justificar apoio ao imperialismo, ao militarismo, ao machismo, ao racismo e à homofobia.

Bell hooks permanece ressaltando que é necessário alinhar nossos valores à uma “ética amorosa” em contraponto à dominação, às hierarquias raciais e de gênero e à obsessão por poder que se apoiam no cultivo do medo como garantia de ordem e obediência à essas estruturas sociais, ela afirma:

3. Definição cunhada pela autora para definir as dinâmicas de opressão.

“O despertar para o amor só pode acontecer quando nos desapegamos da obsessão pelo poder e pela dominação. [...] Uma ética amorosa pressupõe que todos têm direito de ser livres, de viver bem e plenamente. Para trazer a ética amorosa para todas as dimensões de nossa vida, nossa sociedade precisaria abraçar a mudança” (hooks, 2021, p.103).

Por fim, ela conclui este primeiro livro aconselhando que o caminho para alcançar a mudança se dá no coletivo e através da interdependência, se opondo a crença de que o sucesso individual e material é um indicativo de melhorias sociais. Pelo contrário, ao observar que as estruturas de dominação exercem sua influência a todos e se estendem à todas as dimensões de nossas vidas, hooks acredita na importância de conectar-se com o coletivo e cercar-se de comunidades que exercem uma ética amorosa.

No Brasil, “Tudo sobre o amor” foi publicado pela editora Elefante, em 2021. O projeto gráfico da edição brasileira segue um padrão aplicado também à outras obras de hooks publicadas pela mesma editora; repetindo composição, tipografia, formato, dimensões e diagramação do miolo (Figuras 9 e 10).



Figura 9: Capas do livro “Tudo sobre o amor: Novas perspectivas”. Disponível em: <https://elefanteeditora.com.br>.

análise gráfica e conceitual

- Tipo de publicação: livro;
- Cor: Paleta de cores saturadas; utiliza bege, roxo e vermelho, frequentemente associado ao conceito de amor.
- Tipografia: Os títulos sempre escritos em caixa baixa, a fonte escolhida apresenta cantos arredondados, o espaçamento condensado e possui baixo contraste, além disso, preenchimento dos olhos de letras como “a”, “o” e “e”;



- Composição: Enfoque no nome da autora que aparece em destaque preenchendo mais da metade das dimensões da primeira capa, ultrapassando também as margens dela, já o título da obra aparece em segundo lugar na parte inferior.
- Linguagem visual: A tipografia desempenha o papel de principal como elemento gráfico, não somente textual, esse projeto denota expressividade e dinamismo ao se utilizar de cores saturadas e inclinação dos componentes da capa, e rebeldia ao romper com algumas regras formais do design gráfico.



Figura 10: Miolo do livro "Tudo sobre o amor: Novas perspectivas". Disponível em: <https://elefanteditora.com.br>.

2.1.1.2 SALVATION: BLACK PEOPLE AND LOVE

No segundo livro, bell hooks aponta profeticamente um chamado às pessoas negras e aliados de luta a um retorno ao amor. Ao longo da obra, ela desenvolve essa premissa enfatizando a necessidade de trabalhar a decolonialidade nos afetos e na educação, bem como o amor à negritude enquanto atitude revolucionária. A autora também aborda as vivências de homens negros, assim como a valorização de mães solo, e realiza, portanto, uma análise que se aprofunda na intersecção de raça e gênero.

Ao analisar o passado colonial e imperialista dos Estados Unidos e o presente que resulta deste passado, hooks cunha o termo “supremacia branca” e defende sua utilização ao invés da palavra “racismo”. Segundo a autora, a expressão “supremacia branca” engloba, além dos atos de violência racial visivelmente perceptíveis, também a noção de hierarquia de raça e etnia e desafia as formas como as pessoas negras internalizam o pensamento e a ação supremacistas brancos (hooks, 2002).

Nesse sentido, a autora desmistifica a crença de que a conquista de liberdade está necessariamente associada ao acesso a direitos iguais e bens de consumo. Bell hooks chama a atenção para o fato de que as estruturas sociais racistas, que outrora negavam esses acessos às pessoas negras, permanecem intactas mesmo quando alguns indivíduos ascendem economicamente. Quando diz que **“amar a negritude é mais importante do que obter acesso a privilégios materiais”** (hooks, 2002, p.66, tradução própria), ela conclui que é necessária uma educação antirracista e decolonial como política de resistência e que abale as construções racistas nas quais a sociedade atual foi constituída.

Além disso, a autora aborda a interseccionalidade de raça e gênero ao falar sobre os estereótipos atribuídos às mulheres negras, que as desumaniza e fere sua autoestima; e sobre as mães solo negras e sua solidão diante de situações de abandono, miséria e racismo. Além disso,

hooks dedica um capítulo a tratar a respeito de homens negros e os estereótipos e as associações negativas feitas a eles tanto na mídia quanto na literatura, assim como a violência física empregada recorrentemente contra esses indivíduos. Concomitantemente, a autora critica o fato de alguns homens negros abraçarem o patriarcado e reproduzirem violências de gênero enquanto deveriam ser aliados das mulheres nas lutas feminista e antirracista.

Por fim, bell hooks reforça a mensagem de amar a justiça, ela acredita que a união desses dois conceitos é fundamental na luta antirracista. Reverberando alguns dos sermões de Martin Luther King, hooks conclui que uma ética amorosa é central para desafiar significativamente à cultura de dominação:

“Voltar ao amor, tornando-o uma questão central em nossos esforços de recuperação e cura coletiva, não é um afastamento da ação política. A menos que o amor seja a força implícita aos nossos esforços para transformar a sociedade, perdemos o nosso caminho”
(hooks, 2002, p.16, tradução própria).

2.1.1.3 COMMUNION: THE FEMALE SEARCH FOR LOVE

Nesta obra, a autora se posiciona como uma mulher imersa em sua jornada pessoal em direção ao amor, usando essa trajetória como alicerce para seu desenvolvimento. Dessa maneira, ela aborda uma série de questões que orbitam nas esferas da vida das mulheres, abrangendo temas como autoestima, amor romântico, impacto do patriarcado, relações de amizade, assim como as dinâmicas no contexto de trabalho e entre gerações.

Ao longo de todo o livro bell hooks demonstra como as mulheres reproduzem a visão patriarcal. Ensinadas sobre o amor como romântico, idealizado, sacrificial, as mulheres aprendem a demonstrar amor exercendo cuidados maternos enquanto um papel a ser desempenhado exclusivamente pelo feminino, enquanto os homens aprendem a

repelir emoções e exigirem serem servidos. Entretanto, para hooks, as mulheres também não aprendem sobre o amor, elas aprendem a lógica machista e estereotipada, se colocando como reprodutoras dessa noção equivocada de amor e relações afetivas, que diz que a dominação e o amor podem coexistir em uma relação.

Desse modo, a autora defende uma perspectiva mutual de amor pautado no respeito, empenho e compromisso, sendo necessário pensar criticamente o que nos foi ensinado a respeito do amor e assumir uma postura antipatriarcal:

“O pensamento antipatriarcal, que pressupõe que homens e mulheres são igualmente capazes de aprender a amar, de dar e receber amor, é o único alicerce sobre o qual construir um amor sustentado, significativo e mútuo” (hooks, 2003, p.98, tradução própria).

Assim como em *Salvation*, hooks escreve que as conquistas materiais não são necessariamente sinônimas de que as mulheres sejam realmente livres da opressão patriarcal, é preciso observar que as estruturas de dominação ainda estão intactas. Dessa forma, ela faz uma crítica ao suposto “empoderamento feminino”, um termo que tem se esvaziado ao ponto de justificar atitudes opressoras realizadas por mulheres.

No desfecho deste terceiro livro, bell hooks enfatiza a necessidade de cultivar comunidades amorosas e fortalecer os laços entre mulheres, desvinculando-se das noções sexistas e limitantes sobre a feminilidade. A autora encerra a obra com uma mensagem encorajadora e esperançosa, convidando todas as mulheres a abraçarem a determinação de aprender a amar, incentivando um caminho de autodescoberta e crescimento emocional.

2.1.1.4 THE WILL TO CHANGE: MEN, MASCULINITY AND LOVE

Em *The will to change*, hooks explora assuntos como paternidade, sexualidade masculina, violência, infância e masculinidade sob

a perspectiva de que o patriarcado e as noções sexistas de gênero sustentadas por esse sistema são extremamente maléficis aos homens. Nessa obra, bell hooks desenvolve sua crítica compartilhando experiências cotidianas vividas por parceiros, amigos e por seu irmão, que não se conformava com os rígidos padrões de masculinidade.

Nesse sentido, a autora reflete sobre o fato de que meninos e homens são submetidos à terrorismos psicológicos quando não agem como “homens de verdade”, ou seja, não performam a masculinidade patriarcal; esta que se fundamenta na privação de desenvolvimento com suas emoções e na lógica de poder e hierarquia. Ao concluir que “o patriarcado exige que os homens se tornem e permaneçam aleijados emocionalmente” (hooks, 2004, p.38), a autora entende que ao longo de sua socialização, homens aprendem a reprimir todas as formas emocionais de se expressarem, sendo a violência e raiva, as únicas formas de expressão aceitas e compreendidas socialmente. As consequências afetam negativamente a sexualidade, saúde mental e bem-estar masculinos.

Então, hooks chama a atenção dos leitores para uma construção de uma masculinidade saudável, que não exige performances associadas a violência, guerras e a repressão de emoções. Pelo contrário, essa “masculinidade feminista” estaria baseada na humanização, com o propósito de criar condições sustentadoras da vida para homens e meninos que os permitam ser eles mesmos, sem vergonha e sem medo, como diz:

“Para criar homens amorosos, devemos amar os homens. Amar a masculinidade é diferente de elogiar e recompensar os homens por viverem de acordo com noções machistas de identidade masculina. Quando amamos a masculinidade, estendemos nosso amor, quer os homens estejam performando ou não. Performance é diferente de simplesmente ser” (hooks, 2004, p 24, tradução própria).

Reforçando a ideia central de que não há equidade enquanto os sistemas de opressão prevalecerem, bell hooks adota uma postura radical, cujo objetivo é dismantelar as estruturas fundamentais das violências. Nesse sentido, a autora enxerga os homens como parceiros cruciais na luta por justiça social e assim, eliminar o pensamento a atitudes patriarcais, tendo em vista que se apresentam como um obstáculo para a conquista de uma sociedade justa e igualitária.

2.2 storytelling: contar histórias e conectar pessoas

As narrativas são parte fundamental da história humana. A capacidade de criar e transmitir histórias é possivelmente uma vantagem evolutiva para nossa espécie; através de mitos fundantes e narrativas compartilhadas se originam crenças, comportamentos e culturas, além de proporcionar entretenimento e fortalecer laços. Com o decorrer da jornada da humanidade, houve a necessidade de aplicar as narrativas ao contexto de experiências de consumo, seja por produtos, serviços ou informação, então assim surge o *storytelling*.

Traduzindo literalmente do inglês, *storytelling* é o ato de contar histórias. Porém, diferentemente das narrativas tradicionais, essa técnica está fundada em um viés persuasivo e comercial. Assim, Xavier (2015, p.7) oferece uma definição sucinta para *storytelling* como sendo “[...] a **tecnarte de elaborar e encadear cenas, dando-lhes um sentido envolvente que capte a atenção das pessoas e enseje a assimilação de uma ideia central**”. Nesse sentido, a criação de narrativas visa despertar emoções de forma a envolver profundamente o público.

É importante ressaltar que a criação de narrativas envolventes se orienta principalmente em fundamentos de roteiro. Nesse sentido, Robert Mckee (2013) apresenta alguns elementos cruciais para a estruturação de uma história bem construída, os quais são:

- Ligação empática com o público-alvo;
- Definição da ideia central a ser apresentada e defendida;
- Caracterização do(a) protagonista;
- Definição do vilão ou problema a ser enfrentado.

Percebe-se, portanto, uma similaridade entre esses elementos que norteiam a estrutura de narrativas às metodologias de Design Centrado no Usuário, no sentido de que a conexão com o público se torna um ingrediente chave para que o projeto e a mensagem façam sentido para eles, de modo que se conectem. Nessa busca por conexões emocionais, a estratégia de estruturar cenas e ações é utilizada de maneira precisa para estimular o engajamento, interesse e transformação nas pessoas.

Designers também planejam estruturas. Ellen Lupton em *O design como storytelling*, defende a conexão e similaridades entre as duas áreas, a autora ressalta que a técnica de *storytelling* pode ajudar produtos e comunicações a convidar seus usuários a realizar ações e comportamentos específicos. Produtos, serviços e locais são experienciados ao longo do tempo, cada detalhe cria memórias e estabelece conexões e os designers usam de cores, texturas e formas para modular a aura emocional de um projeto (Lupton, 2022).

O livro se destaca como um dos principais meios para o registro e a disseminação de histórias. No contexto dos elementos do design editorial, como formato, grid, tipografia e imagem, compreende-se que esses elementos desempenham o papel de expressar visualmente as ideias, conceitos e emoções de uma obra. Eles organizam o conteúdo, definindo como e quando ele será apresentado aos leitores e dessa forma contribuem para enriquecer a experiência por meio do *storytelling* visual. Nas palavras de Haslam (2007, p.30):

“[...] o design do livro representa para o mundo da escrita o que a cenografia e a direção teatral significam para o mundo da fala no teatro. O autor fornece a peça e o designer faz a coreografia do espetáculo”.

3.

análise de similares

3.1 o pessoal é político

O Trabalho de Conclusão de Curso de Raissa Quintão, orientada pelo professor Rafael Neder, abordou o assunto sobre a igualdade de gêneros e como o feminismo transformou o papel da mulher na sociedade, em âmbito pessoal e profissional. A designer produziu um fanzine, revista independente, com a proposta de “**ser uma representação visual do texto ‘Women’s Movement’, da escritora e jornalista Elinor Burkett, como suporte para um melhor entendimento do assunto**” (Quintão, 2017). Além disso, Raissa também produziu outros produtos gráficos, como cartazes e adesivos com mensagens complementares (Figuras 11 e 12).



Figura 11: O pessoal é político. Raissa Quintão, 2017. Disponível em: <https://www.raissaquintao.com/pepolepolitico/>.

análise gráfica e conceitual

- Tipo de publicação: Fanzine independente;
- Impressão: Risografia;
- Tipografia: Utilização de três fontes de diferentes classificações tipográficas: (I) Sem serifa condensada; (II) Tipografia serifada para compor o corpo do texto; (III) Estilo manuscrito;
- Cor: Tons de azul médio e escuro em contraste com o rosa saturado e rosa claro



- Composição: No leiaute interno foi trabalhado o grid assimétrico, combinando diferentes alinhamentos, intercalando texto e imagem;
- Linguagem visual: O projeto possui o conceito de desconstrução e incorpora a estética de propagandas estadunidenses das décadas de 60 e 70, se utilizando de fotografias em filtro *duotone*, ilustrações em estilos cartunescos, além de efeitos e distorções na tipografia.

Figura 12: Miolo e cartazes. Raissa Quintão, 2017. Disponível em: <https://www.raissaquintao.com/pessoalepolitico/>.

3.2 extra bold: um guia feminista, inclusivo, antirracista, não binário, para designers

Este livro aborda questões práticas, históricas e conceituais do mercado de design relacionadas à inclusão e ao respeito à diversidade, sendo considerado “metade livro e metade gibi, zine, manifesto e guia de sobrevivência” (Lupton *et al.*, 2023, p. 6, grifo próprio). Extra bold foi escrito de forma colaborativa por diversos autores, entre designers, acadêmicos e artistas contribuindo com questões sobre gênero, raça, pessoas com deficiência e entre outros.

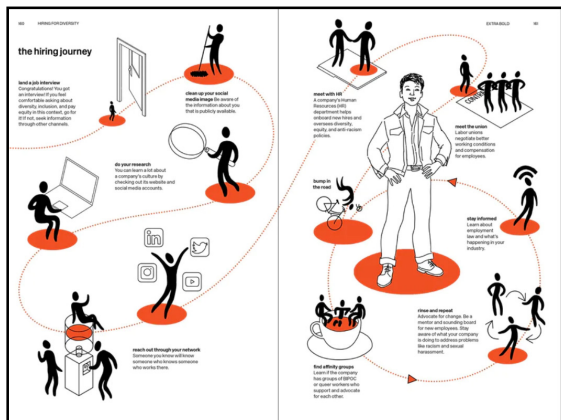
Uma de suas características positivas é o emprego de uma linguagem verbal familiar aos designers gráficos ao apresentar estruturas sociais e explicar termos como interseccionalidade, feminismo, antirracismo e equidade. Ademais, o livro apresenta boa didática e senso de humor fazendo o uso de recursos gráficos, como infográficos e ilustrações, para ilustrar ideias e conceitos mais abstratos e exemplificar vivências cotidianas.



Figura 13: Capa e miolo do livro “Extra Bold”. Fonte: <https://www.editoraolhares.com.br/livro/design/extra-bold-ellen-lupton>

análise gráfica e conceitual

- Tipo de publicação: livro;
- Tipografia: tipografia sem serifa em peso 'bold' para títulos e tipografia com serifa para o corpo do texto;
- Cor: Cores análogas, rosa, vermelho e amarelo em tom saturado;
- Composição: leiaute de colunas, intercalando texto e imagem,



- Linguagem visual: emprega variados estilos de ilustração como *cartoon*, rascunhos, fotografia e iconografia;
- Elementos gráficos: emprego de infográficos e ilustrações de variados estilos que informam e tangibilizam o conteúdo.

Figura 14: Páginas do livro "Extra Bold".
Fonte: <https://www.editoraolhares.com.br/livro/design-extra-bold-ellen-lupton>

3.3 até quando?

Este fanzine foi produzido pela designer Giulia Fagundes a partir de trechos do Jornal da Fé, da Igreja Universal intercalados com imagens da Revista História do Século 20 e acervos de imagens da internet. O projeto levanta questionamentos sobre fatos que ainda assombram o Brasil, como a violência, o racismo e a força policial (Fagundes, 2019).

Nesse sentido, a característica que mais se destaca no zine é a agressividade expressa a partir da plasticidade do objeto, nesse caso, todas as páginas são atravessadas por um rasgo, como se o próprio zine tivesse sido violentado; essa agressividade se torna ainda mais aguda quando o orifício se encontra sobre os rostos de pessoas.



Figura 15: "Até Quando?". Giulia Fagundes, 2019. Fonte: <https://www.behance.net/gallery/84432175/ATE-QUANDO>.

análise gráfica e conceitual

- Tipo de publicação: fanzine;
- Tipografia: fonte sem serifa em caixa alta,
- Composição Justaposição de páginas de texto e imagens, margens estreitas
- Elementos gráficos: as imagens são recortes de revistas e ganham novas interpretações quando são atravessadas pelos orifícios,



- Linguagem visual: Estética velha, as páginas apresentam orifícios irregulares, simulam agressividade e vestígios causados por armas de fogo; expressa sensações de horror e violência, além disso há a numeração de página logo abaixo de cada orifício que compõem a estética de “cena do crime”

Figura 16: Miolo do fanzine “Até quando?”. Fonte: <https://www.editora-olhares.com.br/livro/design/extra-bold-el-len-lupton>

4.

público-alvo

Para a realização deste trabalho, consideramos o cenário hipotético em que a publicação editorial servirá de apoio em oficinas e encontros realizados por uma organização não-governamental fictícia cujo enfoque estará em dar suporte às questões de educação e saúde mental da população de baixa renda.

4.1 ONG hipotética

A ONG Redes de Esperança⁴ trabalha para superar e transformar as estruturas de discriminação e desigualdade social. Oferecendo serviços de psicologia, acompanhamento de pessoas e situação de vulnerabilidade emocional e jurídica junto a órgãos públicos (vítimas de violência, problemas emocionais,) atua auxiliando a comunidade na busca por emprego e educação, sempre em grupo, dialogando em comunidade, atua em uma comunidade periférica como um local de encontro, acolhimento, atendimento e cuidado com a população de baixa renda sob uma perspectiva feminista interseccional. A organização possui sede em diversas cidades brasileiras e reconhece na educação um potencial que perpassa todos os seus serviços e como ferramenta de desenvolvimento humano, pois ela capacita para a mudança.

4. Nome escolhido para designar a organização hipotética com a qual o projeto foi desenvolvido, o nome não tem qualquer relação com ONGs reais.

Visão: Uma sociedade justa e inclusiva, onde as estruturas de discriminação são superadas e transformadas, onde todas as pessoas, independentemente de gênero, raça ou condição socioeconômica, possam viver em igualdade, dignidade e respeito mútuo.

Missão: Superar e transformar as estruturas de discriminação de gênero, raça e desigualdade social. Empoderar os indivíduos e comunidades, auxiliando na busca por emprego e educação, promovendo a igualdade de gênero e racial em todas as esferas da vida.

Valores:

- Igualdade de oportunidades e justiça social
- Empoderamento de indivíduos e comunidades
- Comunidade de acolhimento e cuidado
- Diálogo aberto e respeitoso como meio de construir e compartilhar conhecimento.
- Educação para transformação
- Celebração da diversidade e inclusão

4.1.1 O PROJETO

Nesse cenário hipotético, a ONG pretende realizar oficinas e encontros com o objetivo de discutir temáticas sociais e facilitar a compreensão das análises sobre desigualdades desenvolvidas por bell hooks, compartilhando de sua perspectiva anti-patriarcal, antirracista e anti-imperialista. Isso criará espaços de aprendizado e diálogo para a comunidade periférica. Como produto dessa iniciativa, será desenvolvido um material editorial como suporte visual para as principais temáticas abordadas: desigualdade social, racial e de gênero.

Objetivos do projeto:

- **Educação transformadora:** Oferecer oficinas e encontros interativos que exploram as análises de bell hooks sobre amor

e desigualdades, deslocando essas obras do âmbito acadêmico e tornando esses conceitos acessíveis e relevantes para a comunidade,

- **Empoderamento comunitário:** Capacitar indivíduos para que construam coletivamente espaços que os possibilitem desenvolver habilidades pessoais, sociais e emocionais que promovam essa mudança coletiva a partir da população periférica.
- **Conscientização e diálogo:** Promover diálogos abertos e respeitosos sobre questões de gênero, raça e desigualdade social, visando aumentar a conscientização, a empatia, sensibilizando e trazendo-as para o centro das discussões sobre gênero, raça e classe.
- **Ativismo e mudança:** Trabalhar com parceiros locais e nacionais para influenciar políticas e práticas que reduzam as desigualdades e promovam a inclusão.

4.2 personas

É importante salientar que uma característica positiva de bell hooks é sua intenção em falar tanto com aqueles que são atravessados pelas dinâmicas de desigualdades, nomeando-as e explicando que é possível haver alternativas de superação dos sistemas de opressão, quanto com aqueles que não são, os convidando a ter empatia e engajar na luta a favor da justiça.

Em suas obras, hooks compartilha de sua crença de que os movimentos por justiça sociais poderiam mudar todas as vidas e demonstra sua intenção de levar o significado do pensamento e da prática feminista e educação para uma consciência crítica um público maior, “às massas”⁵. No entanto, a própria autora entende que nem sempre isso foi possível, o âmbito acadêmico se tornou o principal cenário da disseminação desse pensamento. Dessa forma, a relevância deste trabalho está em alargar as fronteiras e tornar a informação mais acessível.

5. HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Sendo assim, esse projeto tem a proposta de abranger as classes C e D que não têm fácil acesso aos livros, uma vez que até o desenvolvimento deste trabalho eles possuem um preço não acessível a esse público (além disso, três das quatro obras ainda estão em inglês). Esse público é formado por adultos, brasileiros, alfabetizados, com Ensino Médio completo ou incompleto, casados e solteiros, com filhos ou não, e com idades entre 18 e 34 anos – aqui optamos por contemplar jovens adultos e uma parte do público adulto, no sentido de abranger diversos contextos.

Considerando a abordagem centrada no usuário adotada nesse projeto, com o objetivo de apresentar uma experiência emocional aos leitores é necessário desenvolver a empatia, ou seja, buscar conhecer e compreender os usuários. Nesse sentido a *persona* é uma ferramenta que permite criar personagens e cenários que sintetizem características dos usuários (Lupton, 2022). Normalmente, os perfis são envoltos por uma narrativa e não somente por números e dados, pois a ênfase está em suas motivações, experiências e o contexto em que se inserem.

Para a realização das personas, fez-se necessário **compreender o cenário atual do Brasil**. Assim, realizamos uma coleta de dados sólidos e atuais a respeito da educação e saúde mental da população brasileira, bem como pesquisas a respeito das desigualdades socioeconômicas, enfatizando os jovens adultos, homens, mulheres e a população negra e parda.

educação

Segundo o IBGE, considerando a faixa etária entre 14 a 29 anos, em 2022, **25,3 milhões de pessoas possuem o nível de instrução até o superior incompleto, não frequentavam escola, curso de educação profissional ou pré-vestibular.** Chama a atenção que 53,9% eram homens e 65,7% de cor preta ou parda. Considerando esse recorte, entre os motivos para não seguir estudando ou ampliando a sua qualificação, a principal foi a necessidade de trabalhar (59,2% entre os homens) e entre as pessoas de cor preta ou parda (45,4%). Para mulheres a desistência se deu por ter que realizar afazeres domésticos ou cuidar de pessoa e por precisar trabalhar também.

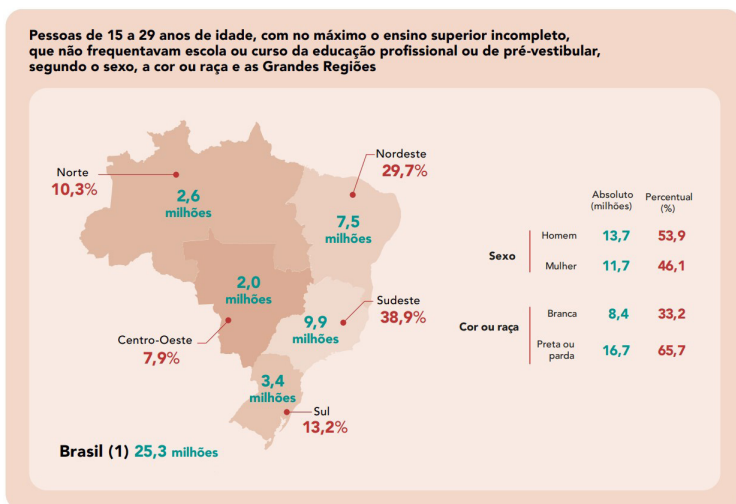


Figura 17: Dados sobre escolaridade no Brasil. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022.

FONTE:

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102002_informativo.pdf. Acesso em setembro de 2023.

Saúde mental

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), 78% dos casos de autoextermínio em 2019 tiveram homens como vítimas. Já as mulheres somam 22%. Essas diferenças têm sido associadas à maior agressividade e uma maior intenção de morrer entre homens, levando ao emprego de métodos mais letais, maior acesso a armas de fogo e outros objetos letais. Pensando no recorte de jovens brasileiros, a morte autoprovocada é quase quatro vezes maior entre homens e a terceira principal causa de óbito na faixa de 15 a 29 anos.

A pesquisa observa que o estado agravado de saúde mental relacionados ao uso de álcool, uso de substâncias, índices de suicídio, homens buscam menos ajuda médica e a conformidade com padrões de masculinidade têm associação significativa com pior status de saúde mental destacando três dimensões de masculinidade com maior impacto deletério: o descuidado com a saúde emocional atrelado ao estado de “homem de verdade” e a recusa por ajuda.

Já entre as mulheres, há menor letalidade, todavia, elas apresentam maiores prevalências de ideação e tentativas de suicídio. Segundo o Relatório Esgotadas, desenvolvido pelo Laboratório Think Olga, a situação financeira apertada é um fator que preocupa principalmente as classes D e E (59%) e pretas e pardas (54%), as dívidas, a remuneração baixa e a sobrecarga de trabalho estão entre os fatores que mais impõem sofrimento e impactam a saúde mental das mulheres.

A sobrecarga com jornada de trabalho, o peso de conciliar as tarefas de casa e o trabalho, trabalhos mal remunerados também são fatores que exercem influência. A baixa autoestima e a insatisfação com o corpo também são tópicos mencionados pelas entrevistadas pelo seu impacto negativo em sua saúde emocional.

AS BRASILEIRAS ESTÃO ANSIOSAS E DEPRIMIDAS

1 a cada 4

mulheres viviam com algum transtorno mental no Brasil, antes mesmo da pandemia.



LIDERANÇA INDESEJADA

Brasileiras e brasileiros adoecem mais que a média global

PREVALÊNCIA DE TRANSTORNOS MENTAIS E POR USO DE SUBSTÂNCIAS NO BRASIL E NO MUNDO



FONTE: INSTITUTE FOR HEALTH METRICS AND EVALUATION (IHME) | 2019

Figura 18: Dados sobre saúde mental feminina no Brasil. Fonte: Think Olga, Relatório Esgotadas: O empobrecimento, a sobrecarga de cuidado e o sofrimento psíquico das mulheres, 2022.

Além disso, aquelas que sofreram violência física e sexual podem desenvolver transtorno de estresse pós-traumático, depressão, transtornos alimentares, ansiedade, distúrbios sexuais, maior propensão ao abuso de álcool e outras substâncias; podem comprometer sua satisfação com a vida, com o corpo e com as relações interpessoais e aumentar risco de suicídio.

Por fim, 78% das entrevistadas não fazem terapia ou acompanhamento psicológico, dentre elas 49% pesquisa e se informa sobre saúde mental e autocuidado por conta própria.

FONTES:

Assembleia Legislativa Espírito Santo. **Homens estão entre as principais vítimas de suicídio. 2022.** Disponível em: <<https://www.al.es.gov.br/>>

Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico 33: **Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil.** Volume 52. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf.

Think Olga, **Relatório Esgotadas: O empobrecimento, a sobrecarga de cuidado e o sofrimento psíquico das mulheres, 2022.**

desigualdade social e racial

No Brasil, a população preta e parda ainda se concentra na linha da pobreza, com altos índices de desemprego ou ocupação informal. Em 2021, 43,4% pretos e pardos 47% estavam realizando trabalhos informais. A informalidade no mercado de trabalho está associada, muitas vezes, ao trabalho precário e/ou à ausência de proteção social, que limita o acesso a direitos básicos, como a remuneração pelo salário-mínimo e o direito à aposentadoria. Além disso, a população de homens pardos e pretos entre 15 e 29 anos são os maiores alvos da violência no Brasil.



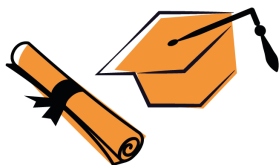
Figura 19: Dados sobre desigualdade social e racial no Brasil. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

FONTE: IBGE. Estudos e Pesquisas: Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. 2ª edição, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf. Acesso em setembro de 2023.

A partir da pesquisa de fundamentação, desenvolvemos personas segundo o modelo apresentado por Lupton (2022), em que há uma breve apresentação de cada persona, apresentando dados demográficos dos perfis. Nesse sentido, cada perfil possui diferentes contextos familiares, grau de instrução e situações financeiras. Há também um segundo nível que apresenta seus desejos e dores particulares, adicionando dimensões emocionais; além de criar um cenário, ou seja um contexto hipotético em que a persona é atraída pelo projeto e como ela é beneficiada através do mesmo.

Daniel

VIDA E HISTÓRIA: Tem 28 anos, homem negro, possui uma filha de 5 anos que vive com a mãe. Daniel mora sozinho em um bairro periférico e trabalha apenas. Aos 17 anos, precisou deixar de frequentar a escola e trabalhar para pagar suas despesas básicas. Gosta de sair para tomar cerveja com os amigos e assistir filmes e séries.



SONHOS E

PREOCUPAÇÕES: Daniel se sente cansado com a rotina de trabalho e gostaria muito de concluir o Ensino Médio para poder cursar o Ensino Superior, mas não sabe ao certo uma profissão de que goste.

CENÁRIO: Daniel procura a ONG em busca de orientações sobre cursos, bolsas para programas educacionais. A organização oferece apoio, incluindo programas para pais, onde Daniel pode aprender sobre paternidade responsável, melhorar habilidades de comunicação e lidar com conflitos familiares. Há também grupos de apoio específicos para pessoas negras, permitindo a Daniel compartilhar experiências e discutir questões raciais e de paternidade. A participação no projeto promove o desenvolvimento do pensamento crítico de Daniel em relação a questões de gênero e raça, destacando a importância da igualdade em sua vida e na sociedade.



Luíza

VIDA E HISTÓRIA: Luíza tem 21 anos, trabalha em tempo integral e faz faculdade à noite. Mulher lésbica, parda. Mora no centro da cidade em um apartamento com sua mãe, ambas já foram vítimas de violência doméstica. Ela gosta de sair com os amigos, jogar jogos digitais e ouvir música.



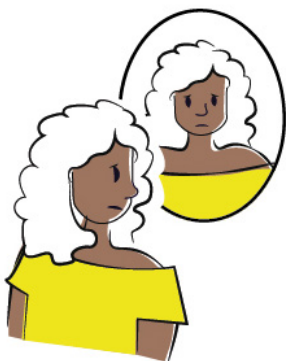
SONHOS E PREOCUPAÇÕES: Busca proporcionar uma vida melhor para sua mãe. Luíza sonha em ter filhos e construir uma família. Ela começou o curso superior em administração e tem uma rotina pesada. Além disso, ela possui transtorno de ansiedade, mas não buscou tratamento ainda, por falta de tempo e insegurança.

CENÁRIO: Luíza buscou a ong depois de saber que havia um atendimento e apoio psicológico especializado em cuidado de vítimas de violência doméstica, a organização irá ajudá-la a lidar com traumas e as consequências da violência doméstica, além de assistência jurídica e legal. A ONG também oferece orientações para estudos, treinamento profissional para que Luíza possa concluir sua graduação. Através do projeto pode ajudar Luíza a compreender sobre as dinâmicas sociais como patriarcado, feminismo, questões raciais e como isso a afeta e, assim conectá-la a redes de apoio na comunidade com o objetivo de dar-lhes esperança.

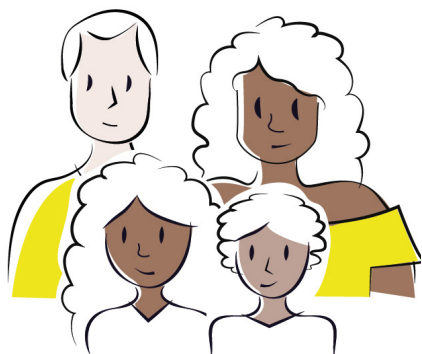


Marcelo e Vanessa

VIDA E HISTÓRIA: São um casal interracial, 34 anos, Marcelo é um homem branco e Vanessa é uma mulher negra, eles têm uma filha de 12 e um filho de 10 anos, trabalham apenas, colaboram com a educação dos dois filhos em casa, moram na periferia, Vanessa é dona de casa e vende quitutes para complementar a renda da família.



SONHOS E PREOCUPAÇÕES: Ambos se preocupam e muito com a criação de seus filhos e gostariam que eles tivessem acesso a mais oportunidades de educação e um futuro melhor. Além disso, Vanessa tem questões com seu corpo e aparência por ser gorda.



CENÁRIO: Vanessa buscou a ONG a procura de programas de bem-estar e saúde que promovam a aceitação e o autocuidado, como grupos de exercícios inclusivos e oficinas de nutrição. O projeto pode sua auxiliar a família oferecendo orientação sobre paternidade igualitária e envolvimento ativo de ambos os pais na criação dos filhos, sem gerar sobrecarga emocional. A promoção de oficinas e encontros facilitará a compreensão da igualdade de gênero e igualdade racial ajudará Marcelo e Vanessa a educar seus filhos sobre igualdade, diversidade e respeito pelas diferenças.

atividade
criatividade
atividade
criatividade
atividade
criatividade

5. briefing

Para orientar o processo criativo do projeto foram desenvolvidos dois *briefings*, o primeiro com enfoque no design editorial, considerando as diretrizes sugeridas por Samara (2011). Já o segundo *briefing* foi redigido seguindo as diretrizes de Lupton (2022), com enfoque no *storytelling* aplicado ao design.

briefing de design

o que é o projeto?

Uma campanha de conscientização realizada pela ONG Redes de Esperança que terá como produto uma publicação independente de fácil reprodução.

por quê?

Porque acreditamos que essas temáticas não deveriam estar restritas ao âmbito acadêmico, propagada por meio de livros longos e linguagem rebuscada e de preço elevado, acreditamos que o design gráfico é uma ferramenta potente de cunho social para popularizar o pensamento crítico.

objetivos

A campanha tem por objetivo popularizar e facilitar o acesso a discussões sobre desigualdades sociais e ética amorosa. Além de informar e educar os leitores e despertá-los para a reflexão e pensamento crítico e torná-los engajados coletivamente com as mudanças sociais.

o livro

Um compilado didático e acessível como forma de trazer uma nova experiência literária a respeito do que bell hooks escreveu em suas quatro obras, em que defende a ideia do amor como transformação ética, social e política, utilizando o design editorial e seus elementos, design de informação e técnicas de storytelling, como ferramentas facilitadoras.

temáticas

Os assuntos e temas abordados são: desigualdades, racismo, sexismo, organização coletiva, masculinidade, patriarcado, parentalidade, capitalismo, ética, amor e luta por justiça sociais.

requisitos

Limitações e requisitos técnicos: publicação curta, baixo custo de produção, baixo desperdício de tinta, materiais, e gasto de energia,

briefing de storytelling

mensagem

A prática do amor como potência para a construção de uma nova sociedade, transformando todas as esferas da vida. E que se opõe a cultura patriarcal, supremacista branca e imperialista e propõe a construção de uma sociedade mais justa e amorosa*

*É importante considerar que o amor não é um tema recorrentemente relacionado a justiça e política, é percebido como irracional, sentimental, volúvel, amplo, inexplicável, intangível, e relacionado aos relacionamentos românticos, exceto em alguns ambientes religiosos e poucas produções literárias e audiovisuais.

público

Jovens adultos e adultos entre 18 e 34 anos, casados ou solteiros, homens e mulheres, nível de escolaridade entre Ensino Médio incompleto e Ensino Superior incompleto.

quais emoções queremos evocar?

Curiosidade, interesse, empatia, esperança, clareza. Queremos que o público compreenda o conteúdo, evocando reflexão, diálogos e compartilhamento, além de engajamento em mobilizações coletivas.

quais emoções não queremos evocar?

Confusão, indiferença, desesperança, cinismo, intolerância e incerteza

personalidade do projeto

Maduro, sensível, bem humorado, mas sem diminuir a seriedade, popular, revolucionário, envolvente, esperançoso, otimista, objetivo, instigante, provocador e reflexivo.

6.

conteúdo e mensagem

6.1 curadoria e organização do conteúdo

Como disse Haslam (2010, p.23), “O ponto de partida de um livro é a documentação”. Ela será manipulada, reunida e organizada, dando-lhe forma por meio de texto e imagem para registrar e preservar as ideias do autor. Neste projeto, os quatro livros escritos por bell hooks são a documentação a ser manipulada.

Durante a primeira reunião criativa entre orientadora e orientanda — coincidentemente realizada no dia 25 de setembro, este que seria o 71º aniversário de bell hooks— realizamos uma curadoria e organização do conteúdo. Primeiro, resumimos e visualizamos os capítulos e tópicos tratados nos livros. Enquanto discutimos as possibilidades de seleção de conteúdo, decidimos nos concentrar nas partes dos livros que enfatizam de modo explícito a mensagem central do amor e ética amorosa, bem como aquelas que discutem as dinâmicas de raça, gênero e classe relacionan-

do-as com essa mensagem. Portanto, evitamos abordar temas muito específicos e subjetivos, como espiritualidade e luto.

Dessa forma, optamos por utilizar a estrutura do primeiro livro “Tudo sobre o amor: Novas perspectivas” como fio condutor para os primeiros esboços de narrativa. Este livro é crucial pois busca desmistificar a ideia de amor sentimental e abstrato, afirmando o caráter político do amor. Em seguida, identificamos capítulos e conteúdos específicos nos livros 2, 3 e 4 que exemplificam e ilustram as ideias gerais apresentadas no livro 1 (Figura 20).

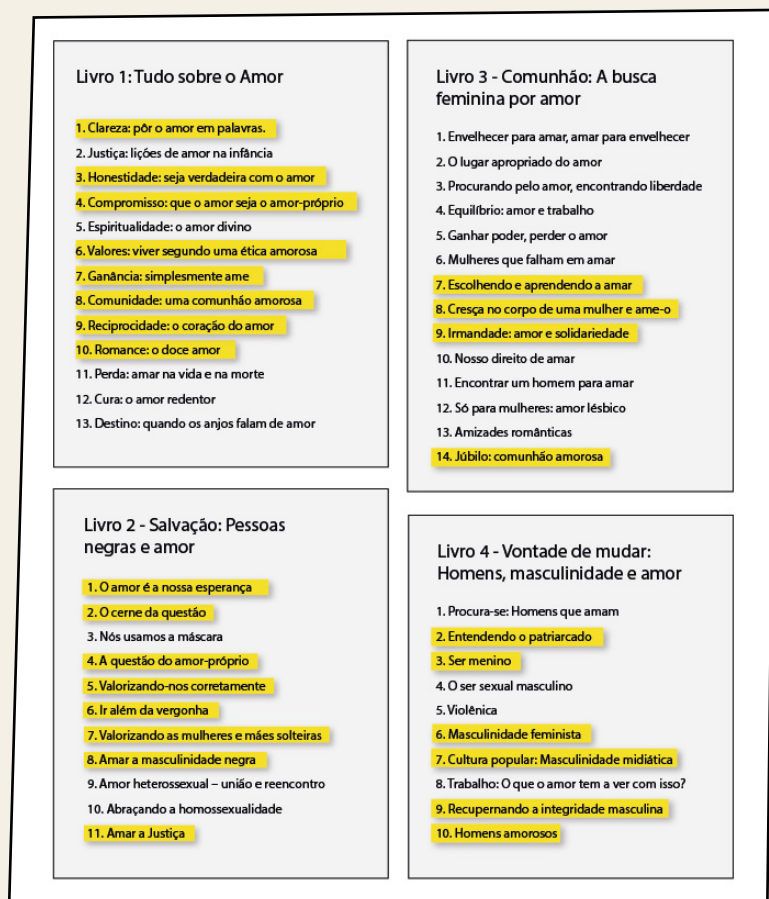


Figura20: Curadoria dos capítulos na coleção de livros trabalhada neste projeto. Fonte: Elaborado pela autora.

6.2 arco narrativo

Para dar estrutura ao arco narrativo do conteúdo, retomamos os elementos narrativos sugeridos por Robert McKee (2013) aplicando-os em uma obra de não-ficção. Esses elementos desempenham um papel crucial na criação de uma narrativa coesa e envolvente (Figura 21).

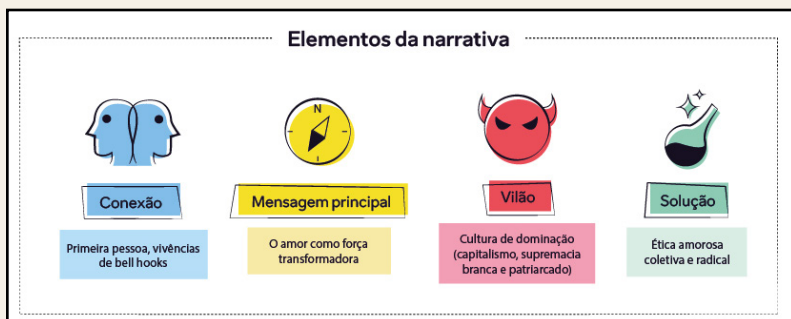


Figura 21: Elementos da narrativa aplicados ao projeto. Fonte: Elaborado pela autora.

- **Conexão empática com o público:** Este é o elo fundamental para a comunicação e contribui para manter o público engajado. Para este projeto destacamos a importância de manter o discurso em primeira pessoa que bell hooks faz em seus momentos de reflexão. Para isso, iremos ressaltar algumas histórias e experiências pessoais que a autora compartilha. Também será importante trazer referências imagéticas familiares aos leitores para tangibilizar o conteúdo escrito.
- **Mensagem principal:** Resumir o tema da obra em uma única frase facilita sua compreensão. Assim, analisando os quatro livros, percebemos que bell hooks fez um trabalho completo ao deixar sua mensagem clara: o amor como uma força para a transformação social.
- **Vilão/problema:** A presença de um problema contra o qual devemos lutar torna a mensagem mais relevante, é uma forma de gerar empatia também; esse vilão pode ser, por exemplo, uma dor do público. É indispensável reforçar sensorialmente o quão ruim o vilão é. Assim o público compreende melhor a

gravidade da situação; podem ser apresentados dados estatísticos que evidenciam as consequências do vilão/problema, por exemplo. Nesse sentido, bell hooks, ao analisar as dinâmicas de opressão interseccional, as nomeia precisamente: cultura/ética de dominação.

- **Solução:** A solução é o que põe fim ao problema. É válido pontuar que hooks não apresenta a solução como uma fórmula mágica, mas aponta caminhos de mudança necessários, esses caminhos devem estar fundamentados em uma ética amorosa coletiva, com o objetivo de dismantelar as estruturas sociais de opressão.

Em relação à estrutura narrativa e progressão, é essencial considerar as oscilações emocionais e rítmicas da história a ser contada. Para nos auxiliar nessa organização, utilizamos o paradigma de Syd Field (Figura 22), que se baseia na ideia básica de que uma história possui um começo, meio e fim. Assim, a narrativa começa por apresentar o assunto e contextualizar os leitores, o que é chamado de Ato 1.

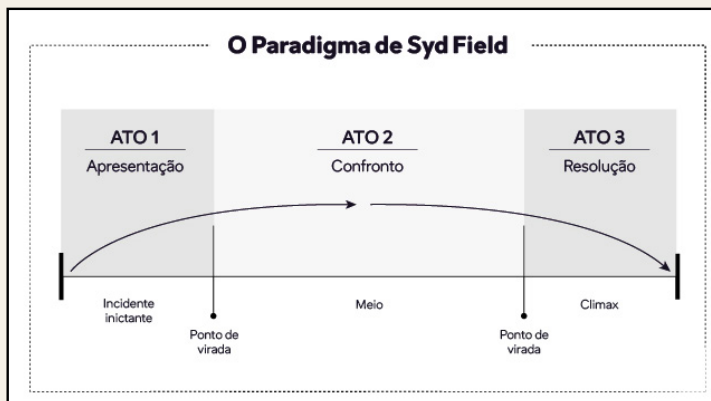


Figura 22: Paradigma de Syd Field. Fonte: <https://alemdoroteiro.com/2014/07/14/paradigma/> (Adaptado)

Em seguida, esse ato se encerra em alguma mudança no enredo, muitas vezes desencadeada por um personagem ou uma chamada para uma jornada. O Ato 2 — o mais extenso —, envolve a superação de barreiras e adversidades, permitindo o desenvolvimento de uma compreensão mais profunda do problema a ser enfrentado. O Ato

2 conclui-se com uma nova mudança e o Ato 3 traz a resolução do problema, frequentemente acompanhada de uma moral da história⁶.

Com base na ferramenta anterior, foi feita uma organização dos capítulos selecionados previamente (Figura 23); os conteúdos foram sintetizados, traduzidos e ordenados para testar possibilidades de arranjo das ‘cenas’ da história, projetando sequências para o roteiro do conteúdo textual da publicação.

6. FIELD, Syd. Manual do roteiro: Os Fundamentos do Texto Cinematográfico. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

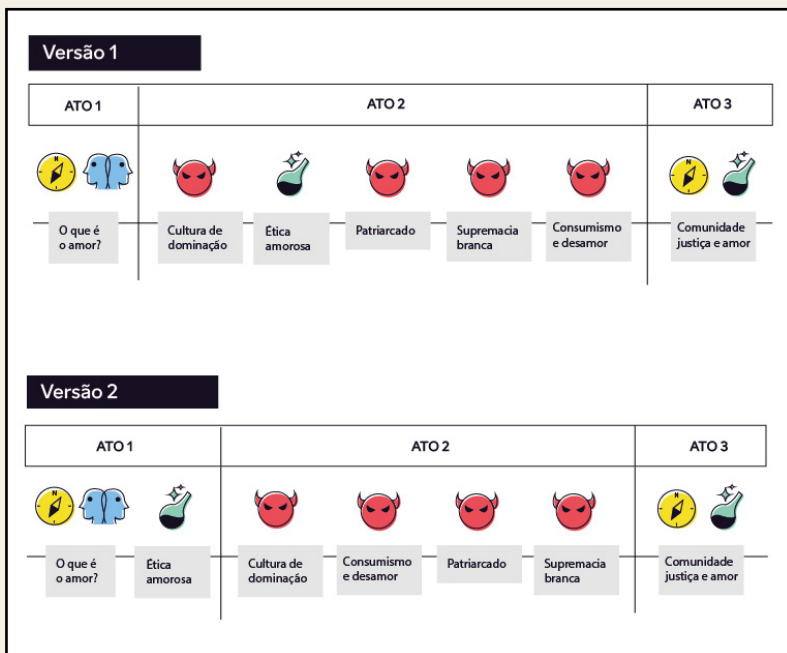


Figura 23: Possibilidades de arcos narrativos. Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira versão do roteiro tinha a proposta de apresentar o conceito de amor por bell hooks (a mensagem principal), em seguida abordar a cultura de dominação (a vilã), e posteriormente abordar a ética amorosa (solução) para, em seguida, desdobrar as estruturas de dominação interseccionais e finalizar retomando a mensagem principal e reafirmar a solução para o problema. Todavia, julgamos que a primeira versão necessitava de modificações em seu início.

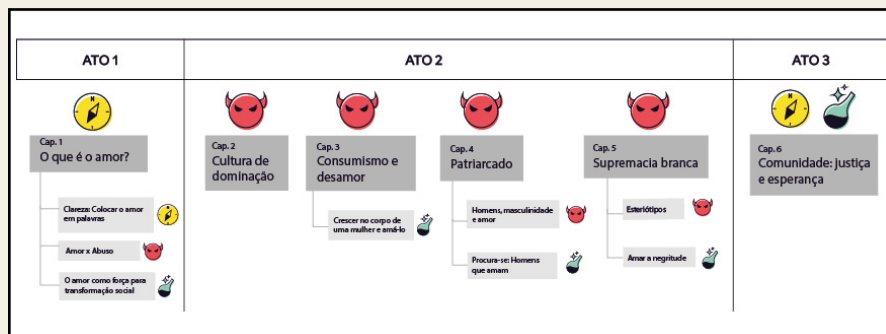
Portanto, a versão final mantém a proposta de iniciar a narrativa

do mesmo modo que hooks inicia o livro 1, a autora parte da indagação “O que é o amor?”, em seguida discorre sobre as noções equivocadas e fantasiosas sobre o amor que são veiculadas em livros e na mídia em geral, evocando algumas das conexões semióticas que relacionamos a essa ideia de amor. Em seguida, iremos apresentar a mensagem principal que solidifica a visão de mundo da autora, este que é o grande diferencial de seu trabalho. Assim, a apresentação da mensagem principal no Ato 1 irá nortear a narrativa, ao longo do Ato 2 o leitor será guiado pelas análises interseccionais e poderá entender em maior detalhe a mensagem a ser aplicada.

Como estratégia narrativa, decidimos destacar a importância da mensagem de ética amorosa, iniciando o Ato 2 com a apresentação do vilão/problema a ser combatido. Em seguida iremos desdobrar essa problemática nos três eixos: (I) materialismo e consumismo; (II) patriarcado; e (III) supremacia branca. Este é o momento de gerar empatia e identificação dos leitores, o objetivo é despertá-los racional e emocionalmente para o problema e trazer clareza. Ao final de cada eixo, iremos explicar como a ética amorosa confronta esse problema, trazendo momentos de esperança e clareza.

Por fim, o Ato 3 reforça a mensagem principal e instiga os leitores a agirem, reforçando a importância de ações coletivas. A seguir temos o esquema do roteiro amadurecido, com o acréscimo de subtópicos em alguns capítulos (Figura 24).

Figura 24: Arco narrativo do livro em detalhes.
Fonte: Elaborado pela autora.



7.

conceito

O conceito está relacionado à busca pelo sentido da mensagem principal através de uma interpretação emocional, associativa ou cultural de modo a proporcionar uma nova forma de transmitir e dar sentido para o assunto (Samara, 2011). O conceito se torna o alicerce da linguagem visual empregada nos elementos do editorial, podendo, para isso, se utilizar de metáforas, clichês e alegorias.

Para este trabalho, buscamos o conceito do projeto no próprio conteúdo dos livros. Durante as reuniões de criatividade nos concentramos na visão otimista —mas não ingênua— de bell hooks ao tratar de assuntos complexos e que retratam a realidade injusta do mundo. Ainda sim, a autora manteve a esperança frente a uma sociedade niilista e cética e assumiu uma postura confiante e firme de que é possível construir um mundo melhor ao defender sua ideia de que o amor, enquanto prática e ação, é força para a transformação.

Tais discussões entre orientanda e orientadora foram registradas em um mapa mental (Figura 25), que relaciona e conecta os componentes deste trabalho, como o posicionamento otimista e crítico de bell hooks e o caráter didático da autora; bem como as temáticas sociais abordadas

pelos livros, a mensagem do amor enquanto potência e o objetivo do projeto de tornar o pensamento crítico acessível e claro. Nesse sentido, as palavras “esperança”, “potência”, “força” e “clareza” receberam destaque.



Figura 25: Mapa mental para criação do concept design. Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dessas discussões, entendemos o sol como um elemento simbólico que representa assertivamente o conceito de esperança, clareza e otimismo. Além de se distanciar das representações visuais mais comuns do amor – sempre associado ao coração, ao romance, ao mistério e ao sentimentalismo. Pelo contrário, o sol é fonte de luz, calor e está culturalmente associado à vida e fertilidade e é símbolo de força e potência⁷. Portanto, assim como o astro, o amor defendido por hooks é forte, luminoso e vital.

7. CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: José Olympio, 2020.

8. brainstorming

8. 1 formato e estrutura

Entendemos a contribuição do livro físico como um suporte que deverá empoderar a mensagem. Por isso, fizemos a escolha de um formato retrato comum, uma vez que o conteúdo é complexo e novo para os leitores. Ademais, o livro não pode passar despercebido, portanto deve possuir um tamanho notável, mas sem causar desconforto durante a leitura.

Além disso, a presença de uma lombada encorpa a publicação, reforça o caráter do livro, o distancia de ser confundido com um panfleto e reafirma que a obra merece ser levada a sério e que merece, assim, um lugar à estante. Nesse sentido, o livro será encadernado em brochura com capa flexível, pois tem o objetivo de ser uma publicação de baixo custo e suas dimensões serão 170 mm de largura e 230 mm de altura.

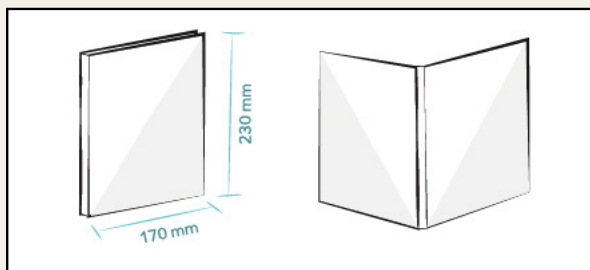


Figura 26: Formato e tamanho do livro.
Fonte: Elaborado pela autora.

8.2 grid e leiaute

Ao longo do processo de criatividade surgiram dúvidas:

“Como o design editorial pode proporcionar clareza ao conteúdo?”

“Como representar esperança através das páginas de um livro?”

Tal intenção pode ser alcançada através de um leiaute construído sob uma hierarquia de informação clara, organizado com áreas de respiro e margens confortáveis que reforcem essa hierarquia e equilíbrio, mas sem evocar monotonia durante a leitura.

Assim, a publicação será um livro ilustrado, desse modo, utilizamos o grid modular, subdividido em colunas e linhas, pois permite maior flexibilidade para trabalhar textos e imagens. Além disso, consideramos necessário empregar linhas, setas e caixas de texto como um recurso de apresentação de conteúdos explicativos (Figura 27).



Figura 27: Referências de composição. Fonte: Acervo da autora.

8.3 tipografia

Durante a seleção de famílias tipográficas, houve também a intenção de não evocar clichês e padrões associados ao amor romântico ou que estejam associados aos conceitos de feminilidade, elegância ou rigidez. Ou seja, foram descartados tipos caligráficos ou manuscritos, bem como serifas modernas e góticas.

Considerando que o conteúdo é complexo, portanto, a tipografia deve se manter neutra e honrar esse conteúdo. Assim, para este projeto, tomamos a decisão de selecionar tipografias cujo desenho de contra forma da face é aberto, aparentando simplicidade, limpeza formal, sem ornamentações e boa legibilidade (Figura 28).



Figura 28:
Referência de
tipografias e
fontes. Fonte:
Acervo da
autora.

8.4 sequência e cadência

Levantamos a discussão a respeito das possibilidades de sequência e cadência que trazem ritmo e drama ao projeto editorial. Ao analisar a esquematização do conteúdo textual (Figura 24), pontua-se que há momentos em que iremos reforçar a mensagem principal e a solução apontada por bell hook; denominamos esses momentos de “páginas de

esperança”, estas que se refletem o conceito de “iluminar” a página do livro e tratar o texto com importância.

Além disso, e queremos que os leitores percebam o quanto a cultura de dominação — a vilã desta história — é maléfica e precisa ser eliminada; precisamos ressaltar essas características através do design gráfico para a narrativa que desenvolvemos. Assim, essas “páginas de dominação” devem transparecer a percepção de rigidez, maleficência e brutalidade.

Também havia a preocupação em criar uma linguagem nova para essa nova perspectiva sobre o amor, substituindo a ligação semiótica do amor com o coração e ressignificá-lo com o símbolo solar. Nesse sentido, coletamos referências de elementos visuais, como paletas de cores frequentemente utilizadas no design de vilões e heróis em animações, bem como formas e composições que distinguem os dois elementos da narrativa: as páginas de esperança e as páginas de dominação; cada qual possuindo características visuais específicas (Figuras 29 e 30).

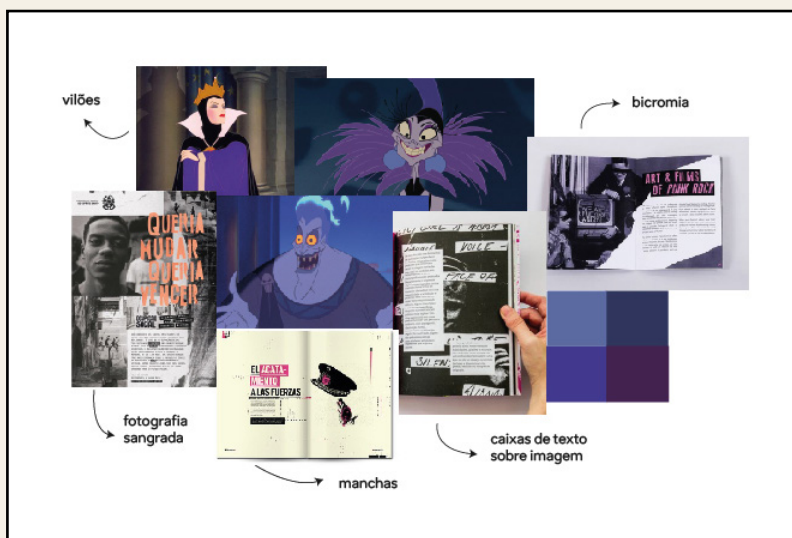


Figura 29:
Moodboard
das páginas
de dominação.
Fonte: Elaborado
pela autora.



Figura 30:
Moodboard
das páginas
de esperança.
Fonte: Elaborado
pela autora.

A cor é uma poderosa ferramenta de *storytelling*. Neste projeto, ela tem o papel de ditar a emoção de cada página, comportando-se como sistema que distingue os personagens de nossa história. O ciano e o amarelo, aqui simbolizam o amor enquanto prática, força e esperança. Em discordância com o vermelho e rosa, culturalmente associados ao amor romântico; enquanto a púrpura e o marrom foram associados à cultura de dominação.

A imagem a seguir (Figura 31) representa o primeiro rascunho de fluxo entre as páginas iniciais, em que testamos possibilidades de cores e variações de alinhamento e relações entre texto e imagem que se adaptam de acordo com o conteúdo de cada página.

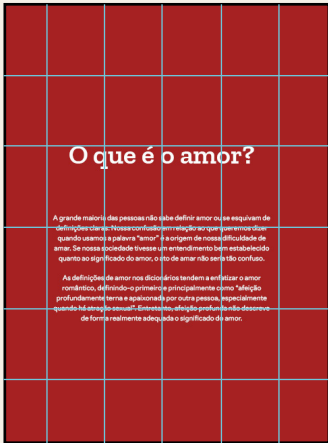
experimentação
experimentação
experimentação
experimentação
experimentação
experimentação

9.

primeiros estudos

A partir do primeiro esboço, foram desenvolvidos os primeiros estudos com as páginas iniciais. Durante as orientações, foi discutida a importância do conforto e da segurança que o leitor precisa sentir nos momentos iniciais de interação com a publicação. Essa sensação se dá através da coerência e repetição de elementos do design editorial (estilos de parágrafo e caractere, leiaute e hierarquia) demarcando todo o projeto por uma narrativa editorial padronizada ao longo do livro, facilitando a leitura e a compreensão do conteúdo.

A primeira proposta determinava uma abertura de capítulos centralizada e explora o sol enquanto grafismo e experimentando possibilidades de cores (Figura 32). Assim, a primeira proposta de miolo foi aprovada, seguindo por algumas observações de refinamento dos padrões de espaçamento, tamanho de caractere e legibilidade verificadas através de testes de impressão (Figura 33).



A grande maioria das pessoas não sabe definir amor ou se equivalem de definições chatas. "Nosso convívio com o melhor(a) que podemos ter quando amamos" parece "amor". É a origem de nossa dificuldade de amar. Se nossa sociedade tivesse um entendimento bem estabelecido quanto ao significado do amor, o rito de amar não seria tão confuso.

As definições de amor nos dicionários tendem a enfatizar o amor romântico, deixando-o primar por principalmente como "afeição profundamente feita e apaixonada por outra pessoa, especialmente quando há amor sexual". Entretanto, afição profunda não decorre de forma realmente adequada o significado de amor.



Alguns indivíduos acreditam que transformar as estruturas sociais é impossível de se conseguir. Estou falando aqui de muitos profetas do apocalipse que nos dizem que o racismo nunca vai acabar, que o machismo está tão arraigado, que a pobreza é um fenômeno total e impossível de erradicar. Ao manter uma noção capitalista de bem-estar, eles realmente acreditam que não há suficiente para todos, que a pobreza e as desigualdades sempre existirão, que um bom vida só está ao alcance de poucos.

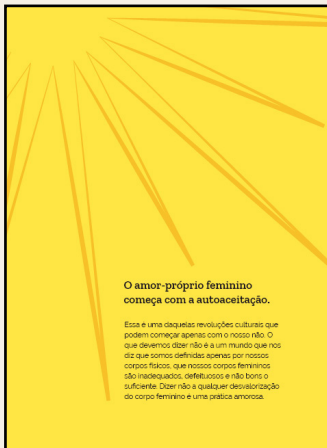
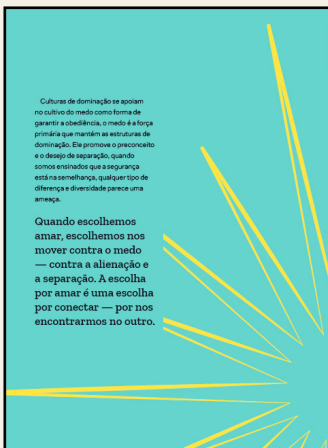
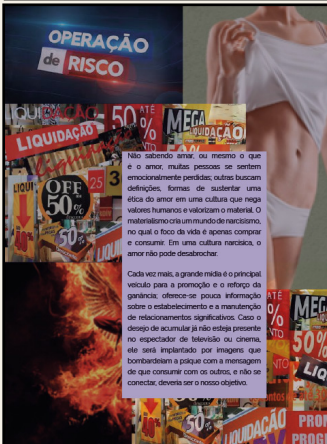


Figura 32: Primeira proposta para a diagramação do livro. Fonte: Elaborado pela autora



Figura 33: Testes de legibilidade e contraste de cor. Fonte: Acervo da autora.

10.

refinamento

10.1 cores

Utilizamos dois tons de vermelho para os momentos em que falamos sobre o amor romântico. Para as páginas de esperança, selecionamos dois tons de amarelo e o ciano, buscando transmitir esperança e calma. Enquanto os tons de roxo, vinho e marrom estão relacionados às páginas de dominação. Além disso, o refinamento dos matizes e tons considerou garantir contraste e legibilidade para os textos e buscar ritmo durante a leitura; por isso, adicionamos à paleta tons claros, médios e escuros, bem como matizes frios e quentes.

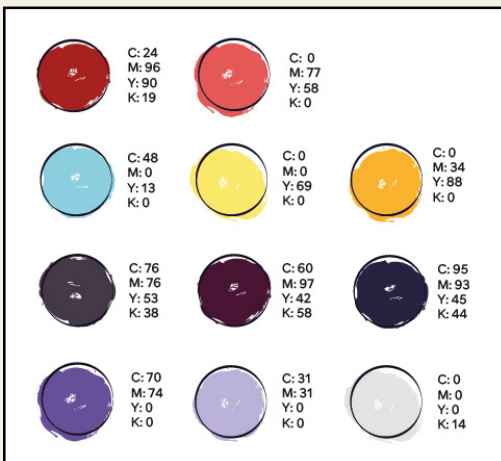
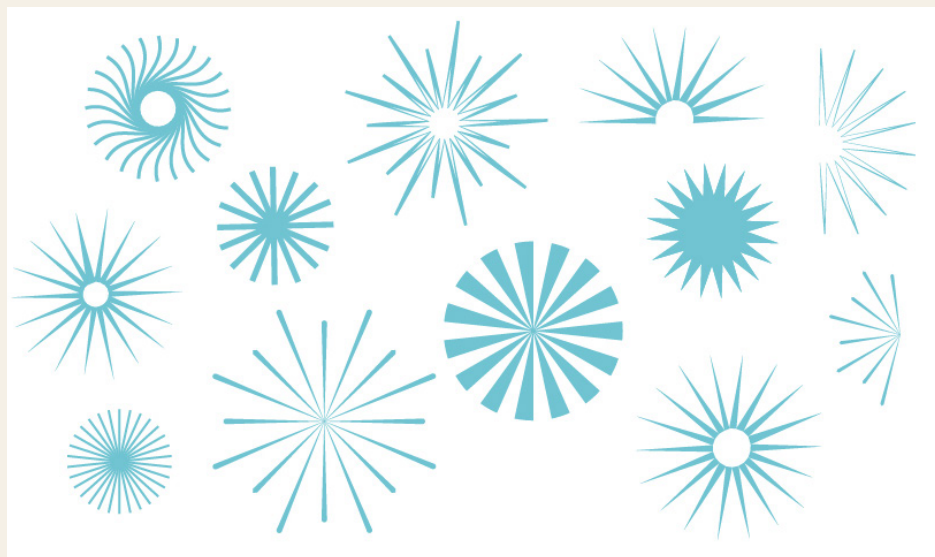


Figura 34: Paleta de cores do livro.
Fonte: Elaborado pela autora.

10.2 grafismos

Utilizamos a figura do sol de modo abstrato e simplificado, concedendo maior ênfase nos raios que se originam do centro. O elemento solar se mostrou versátil para aplicações posteriores em concordância com os textos.



10.3 tipografia

Escolhemos uma combinação tipográfica contrastante, utilizando a família Sarvatrik Latin Variable; uma família sem serifa, de baixo contraste, cujo aspecto é delicado e sério, sendo utilizada para o corpo do texto e subtítulo. Seu par nesta combinação é a família Zilla Slab, tipografia serifada de estilo egípcio, designada para títulos e textos em destaque, apresenta robustez e estabilidade. Ambas as famílias parecem possuir baixa altura de x, sendo então, esta uma característica que as concilia.

Figura 35:
Experimentações
com formas
solares. Fonte:
Elaborado pela
autora.



Figura 36:
Famílias tipográficas utilizadas no projeto.
Fonte: Elaborado pela autora.

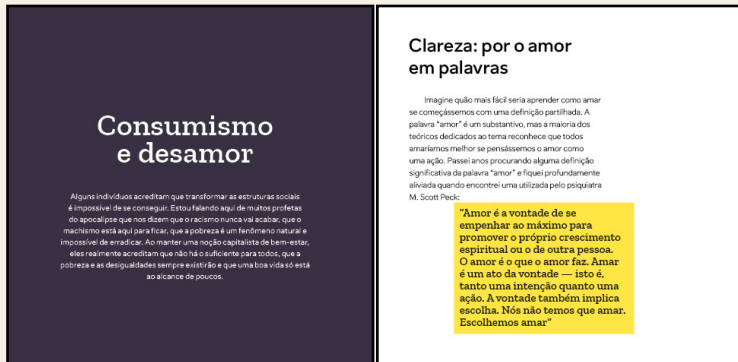


Figura 37: Fontes aplicadas ao título e subtítulo. Fonte: Acervo da autora.

Para os quadros de destaque e quadros de explicação, utilizamos a fonte Zilla Slab Semibold 17/21 e Zilla Slab Medium 13/18, respectivamente. Em contraste, o corpo do texto é composto em Sarvatrik Latin VF. Regular 10,5/16 (Figura 38).

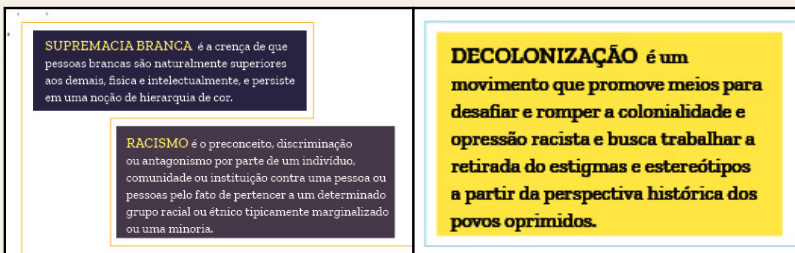


Figura 38: Fontes aplicadas aos quadros de destaque e de explicação. Fonte: Acervo da autora.

10.4.2 PÁGINAS DE ESPERANÇA

As páginas de esperança são construídas a partir de parágrafos alinhados à esquerda e áreas de respiro abundantes no leiaute, tornando a leitura mais fluida e tranquila. Nestas páginas, os grafismos, representando abstratamente o sol, aparecem em diálogo com a posição dos textos e servem de indicadores de abertura de parágrafos.

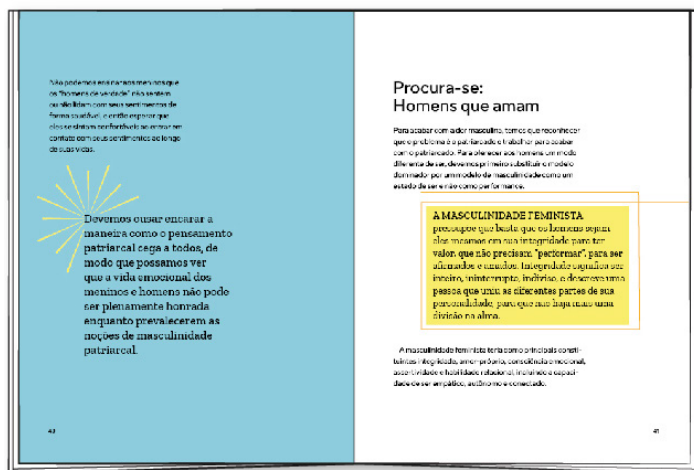
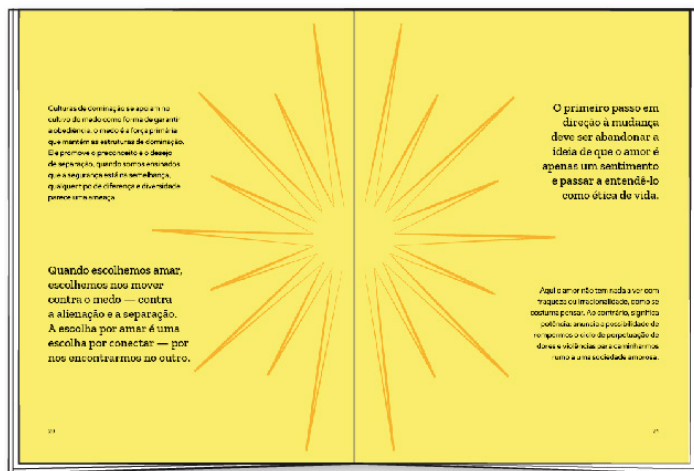


Figura 40: Páginas de esperança.
Fonte: Acervo da autora.

10.4.4 CAPÍTULO FINAL

O último capítulo rompe com os padrões de cores e alinhamento; apresenta duplas de páginas brancas, leves e centralmente alinhadas, conforme as páginas finais se aproximam os parágrafos se afinam lentamente, como o fim de uma canção que se esvai lentamente.

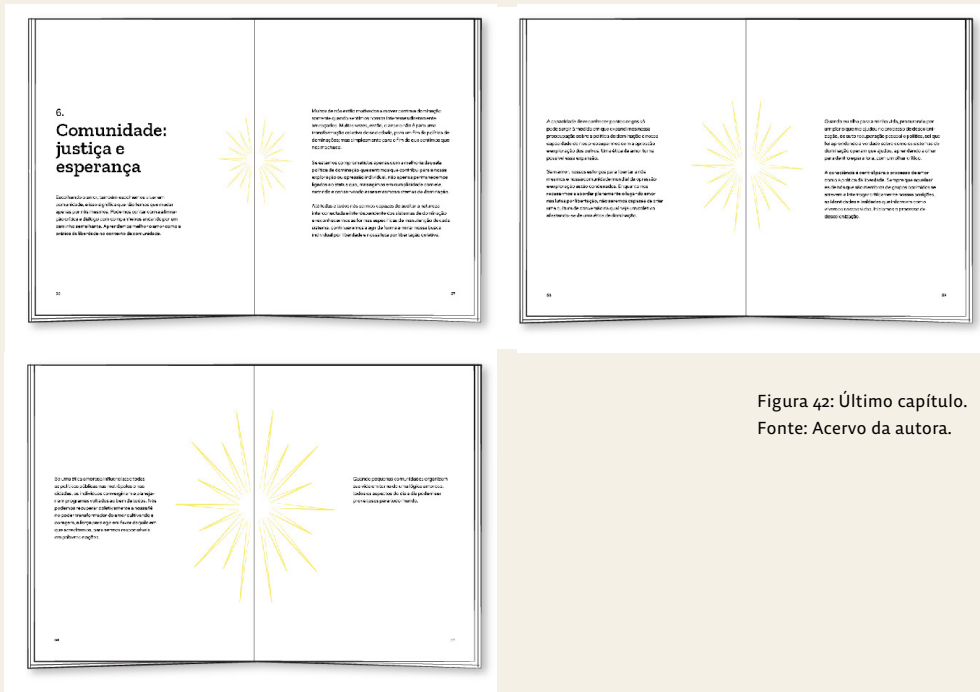


Figura 42: Último capítulo.
Fonte: Acervo da autora.

10.5 imagens

A combinação de imagem e texto em um livro não é apreciada somente por crianças, mas por adultos também, considerando que a imagem inevitavelmente é o primeiro elemento a ser notado na composição (Marshall e Meachem, 2010). Tendo em vista o perfil do público-alvo e o caráter sério deste projeto, utilizamos fotografias nas

composições, as quais foram tratadas com superexposição, aumento de contraste e efeito bicromia (imagem colorida em preto associado a outra cor) a fim de acrescentar um grau de dramaticidade à imagem suplementando o texto.

Neste livro ilustrado, a imagem desempenha um papel fundamental na complementaridade com o texto verbal, resultando em uma integração em que ambos têm igual importância. Em diferentes momentos, ora o texto se destaca como elemento principal, ora a imagem assume o papel de protagonista. Portanto, neste projeto, as imagens têm três finalidades:

1. Informar: acrescentar dados que reforçam a veracidade e seriedade do trabalho da autora no cenário brasileiro.



Figura 43: Infográfico sobre abandono de mulheres no Brasil. Fonte: Elaborado pela autora.

2. Dirigir o leitor ao contexto emocional da página: através de manipulações de imagem e metáforas bem humoradas.

10.6 título

Para a elaboração do título do livro partimos de duas intenções. A primeira relaciona o amor às lutas por justiça social; entretanto, consideramos que o título poderia ser menos direto e mais provocador. Dessa forma, a segunda linha de raciocínio teve como ponto de partida o nome do livro 1 “Tudo sobre o amor: Novas perspectivas”, consultando esse mesmo título em inglês, “*All about love: New visions*”, buscamos sinônimos para a noção de visão e perspectiva. Assim, a opção mais interessante foi: **Um novo olhar sobre o amor**.

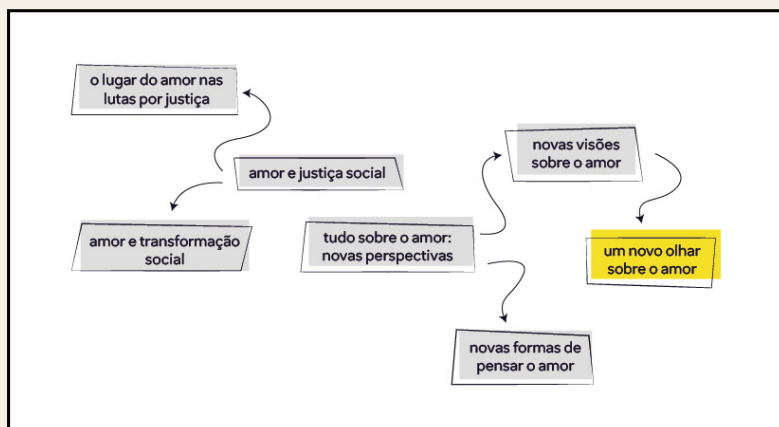


Figura 46: Mapa mental para definição do título. Fonte: Elaborado pela autora.

10.7 capa

A capa serve como uma embalagem, protege o miolo (o conteúdo interno) e inicia o convite à leitura. Dessa forma, nossa proposta é por uma capa simples, sendo a tipografia o elemento principal, juntamente com os raios de sol em posições variadas. Além disso, o ciano,

A última opção se tornou a mais interessante pois o título se encontra em caixa-alta e em peso *light* na primeira capa, e há um

destaque à palavra “amor”. Ademais, os raios do sol contornam a letra “o”, estabelecendo uma relação com a figura solar. Além disso, na lombada o título aparece em efeito versalete delicado e sutil (Figura 48).



Figura 47: Propostas para a primeira e quarta capa e lombada. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 48: Capa final. Fonte: Elaborado pela autora.

11. livro impresso

O livro foi impresso no formato planejado (230mm x 170mm), com capa flexível e lombada quadrada, tendo em vista o baixo custo do projeto. O miolo foi impresso em papel couchê 115 gramas para melhor visualização das imagens e cores; além disso a capa foi impressa em papel couchê 250 gramas.



Figura 49:
Primeira e
quarta capa.
Fonte: Acervo
da autora.



Sou grata por ter sido criada em uma família que era cuidada, e acredito fortemente que, se meus pais tivessem sido bem-queridos pelos pais deles, eles teriam dado amor aos filhos. Eles deram aquilo que receberam: cuidado.

Resultado que o cuidado é uma dimensão do amor, mas somente cuidar não significa que estamos amando. E fora da nossa casa eu me sentia geralmente metida em assuntos por algumas pessoas da família, como minha avó materna. Essa experiência de amor verdadeiro (uma combinação de cuidado, compromisso, confiança, sabedoria, responsabilidade e respeito) nutriu meu espírito fértil e permitiu que eu sobrevivesse a atos de desamor.

A prática do amor como potência para transformação social

Uma ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente. Para trazer a ética amorosa para todas as dimensões de nossa vida, nossa sociedade precisa abraçar a mudança.

Abraçar uma ética amorosa significa utilizar todas as dimensões do amor — “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” — em nosso cotidiano. Só podemos fazer isso de modo bem-sucedido ao cultivar a consciência. Esta consciência permite que examinemos nossos atos criticamente para ver o que é necessário para que possamos dar carinho, ser responsáveis, demonstrar respeito e manifestar disposição de aprender.

Figura 50:
Miolo do livro.
Fonte: Acervo da autora.



O PATRIARCADO é um sistema político-social que insiste que os homens são dominantes, superiores a tudo e a todos considerados fracos, especialmente as mulheres, e dotados do direito de dominar e governar sobre os fracos e de manter este domínio através de várias formas de terrorismo psicológico e violência.



Mostre o elo que o mundo é dos homens

Ilustração em homenagem de uma mulher brasileira em 1935, nos Estados Unidos (Folhapress).

O patriarcado, como qualquer sistema de dominação (como o racismo, por exemplo), precisa socializar todo mundo para acreditar que em todas as relações humanas há um lado superior e um inferior, que uma pessoa é forte e a outra, fraca, e, consequentemente, é natural que o poderoso domine o que não tem poder. Para aqueles que apoiam o poder patriarcal, é aceitável, manter o poder e o controle por qualquer meio.

... para dizer ao público que, ... de porta em porta ... se deveríamos acabar ... masculina ... mulheres, a maioria ... dança seu apoio ... que pensar duas vezes. ... se você dissesse a eles que ... violência ... parar a violência ... contra as mulheres ... com a dominação ... erradicando o ... - eles começariam a ... a mudar de posição.

Apesar dos muitos ganhos do movimento feminista contemporâneo — maior igualdade para as mulheres no mercado de trabalho, mais tolerância para a renúncia a papéis rígidos de gênero — o patriarcado como sistema permanece intacto. Criamos uma cultura em que as mulheres podem ser iguais aos homens patriarcais, mas não criamos uma cultura que incentive ambos os gêneros a buscarem o amor. Assim, esse mundo venha a existir, as mulheres podem ganhar maior poder, mas elas se veem promovendo uma cultura de desamor.

Figura 51:
Miolo do livro.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 52:
Miolo do livro.
Fonte: Acervo
da autora.



Figura 53:
Miolo do livro.
Fonte: Acervo
da autora.



Figura 54:
Miolo do livro.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 55:
Miolo do livro.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 56:
Miolo do livro.
Fonte: Acervo
da autora.

Além das imagens produzidas, também desenvolvemos um vídeo do livro. Para assisti-lo ou acessar o livro na íntegra, clique abaixo:



conclusão

Para a conclusão do presente trabalho, faz-se necessário destacar a importância de dois aspectos: a relevância social do projeto, e a aplicação do *storytelling*, que se mostrou ser uma ferramenta potencializadora para o design editorial.

No que diz respeito à relevância social, destacamos a necessidade de trazer o tema do design social para o meio acadêmico, afirmando-se, mais uma vez, fundamental. Abrangendo o design da informação e a criação de personas, foi possível tornar o conteúdo acessível a um público diverso; nesse sentido, as personas influenciaram a seleção de conteúdo, ao mesmo tempo que gostaríamos que o conteúdo exercesse influência sobre as mesmas.

Em segundo lugar, o uso do *storytelling* como ferramenta de criatividade revelou-se essencial para o design editorial. Essa ferramenta permeou todo o processo, desde a criação de personas e o desenvolvimento do briefing até a seleção e organização do conteúdo textual. Esse enfoque também se estendeu à concepção do projeto, à sequência e ritmo das páginas, à seleção de imagens e à manipulação dos elementos de design editorial. Essa abordagem multidisciplinar do design nos impressionou e reforçou a importância enriquecedora dessa prática.

Por concluirmos, este trabalho não se limita ao âmbito acadêmico; temos perspectivas futuras, como publicações acadêmicas e a divulgação em outras mídias. Estamos ansiosas para levar adiante o conhecimento e as práticas adquiridas aqui, visando impactar positivamente a sociedade.

bibliografia

BRAGA, Marcos da Costa. (Org) **O Papel Social do Design Gráfico**: História, conceitos & atuação profissional. São Paulo: Senac, 2011.

BREDA, Tadeu. Editora Elefante. **Quem é bell hooks?**. 2019. Disponível em: <https://editoraelefante.com.br/autores/bell-hooks/>. Acesso em 29 jul. de 2023

FRASCARA, Jorge. **Diseño grafico para la gente**: Comunicaciones de masa y cambio social. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 2000

HALUCH, Aline. **Guia prático de design editorial**: criando livros completos. Teresópolis, Rio de janeiro: 2AB, 2013.

HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II**: Como criar e produzir livros. São Paulo: Rosari, 2007.

LUPTON, Ellen. **O design como storytelling**. São Paulo: Olhares. 2022.

MARSHALL, Lindsey; MEACHEM, Lester. **Como usar imagens**. São Paulo: Rosari, 2010.

MCKEE, Robert. **Story**: Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte e Letra, 2013.

SAMARA, Timothy. **Guia de design editorial**: manual prático para o design de publicações. Porto Alegre: Bookman, 2011.

XAVIER, Adilson. **Storytelling**: Histórias que deixam marcas. Rio de Janeiro: Best Business, 2015.

SIMILARES ANALISADOS

FAGUNDES, Giulia. **Até quando?**. 2019. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/84432175/ATE-QUANDO>. Acesso em 10 ago. de 2023.

LUPTON, E. *et al.* **Extra bold**: Um guia feminista, inclusivo, antirracista, não binário, para designers. São Paulo: Olhares, 2023.

QUINTÃO, Raissa. **O pessoal é político**. 2017. Disponível em: <https://www.raissaquintao.com/pessoalepolitico/>. Acesso em 28 jul. de 2023.

LIVROS UTILIZADOS PARA A CONCEPÇÃO DESTE PROJETO

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: Novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

_____. **The will to change: Men, masculinity and love**. New York: Atria Books, 2004

_____. **Communion: The female Search for love**. New York: Harper Collins, 2002

_____. **Salvation: Black people and love**. New York: Harper Collins, 2001

